

Educar para ser feliz



Heloisa Pires

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

Hospital

EDUCATIONAL DATA SET

1. Name of Hospital
2. Address
3. City
4. State
5. Zip
6. Telephone
7. Fax
8. E-mail
9. Website
10. Hospital Type
11. Hospital Size
12. Hospital Bed Count
13. Hospital Services
14. Hospital Accreditation
15. Hospital Ownership
16. Hospital Management
17. Hospital Board
18. Hospital Staff
19. Hospital Patients
20. Hospital Revenue
21. Hospital Expenses
22. Hospital Net Income
23. Hospital Assets
24. Hospital Liabilities
25. Hospital Equity
26. Hospital Ratios
27. Hospital Trends
28. Hospital Outlook
29. Hospital Risks
30. Hospital Opportunities

Sumário

Prefácio	7
1 O bebê	12
2 O pensamento egocêntrico	16
3 Por favor, não grite... ..	22
4 Quando nos preocupamos com a educação dos filhos? ..	25
5 O exemplo dos corvos	29
6 O exemplo dos pingüins	36
7 Construtivismo na família	42
8 Tarefas construtivistas	45
9 A importância da disciplina e do amor	49
10 Problemas de aprendizagem	53
11 Educação dos animais e dos homens	57
12 O encontro	62
13 A necessidade de ser bom	66
14 Família consangüínea e espiritual	70
15 As crianças são o futuro	72
16 Casos ocorridos durante o Evangelho no Lar	77

17	Preparação entre os chimpanzés	80
18	Cristianismo e Espiritismo	84
19	A opção pelos pobres	93
20	Educando as emoções	97
21	Mas, afinal, o que somos?	101
22	A formação de uma consciência crítica	105
23	Transformando os educandos em "águias"	109
24	Inflexibilidade mental	111
25	Obsessor	115
26	Reflexões sobre a história de Lina	118
27	Saudade de Marina	122
28	A história de Laura	125
29	A mulher no século 21	128
30	A história de Márcio	131
31	A história de Cíntia	135
	Bibliografia para aprofundamento	139
	Biografia Heloisa Pires	140

Prefácio

Educar para ser feliz é o título do livro de Heloisa Pires.

Bem-vindo para a cultura, esse livro abala e agita o pensamento com a força da verdade e o vento das transformações. Sem pressão. Com harmonia e muito, muito amor.

Nele a imortalidade se apresenta como um processo contínuo de educação-caminho da felicidade. Consegue convencer-nos disso com magníficos argumentos e excelentes ilustrações. Ousa resumir tudo em apenas duas condições. Observar a natureza e seguir as Leis do amor. Convince-nos de que esses são os objetivos essenciais da educação. E ainda nos leva, mais ou menos sutilmente, à auto-avaliação do nosso comportamento, impulsionando-nos à reeducação como único recurso felicitador...

A oradora, tão querida por todos os envolvidos no movimento espírita do Brasil e do Exterior, tão admirada na vida profissional e tão requerida nas amizades, se mostra por inteiro, doando-nos seu vasto conhecimento e sua preciosa experiência de vida. Escreve no estilo simples, claro e agradável, tal como fala em suas palestras, porque fala como quem está compondo, espontaneamente, um livro em cada momento.

Aceitação da realidade dos dias atuais, autenticidade científica, espiritualidade e profunda empatia humana, são qualidades pessoais da autora, novamente testificadas nesta obra.

Parafraseando Fernando Pessoa, dizemos: - Ler este livro é preciso!

Como quem está diante de um colar de pedras preciosas, pinçamos algumas para destacar neste prefácio.

No decorrer de todo livro vamos nos conscientizando de que as leis do amor, que incluem a justiça e a caridade, estão presentes na variedade de apresentação da natureza.

Allan Kardec diz que o Espiritismo está na natureza e que a Doutrina Espírita trata dos princípios universais.

Natural associação nos conduz aos Prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*, iniciado com o desenho de um ramo de parreira e ao trecho transcrito por Allan Kardec a esse respeito, recebido através de muitos médiuns:

“Porás no cabeçalho do livro o ramo de parreira que te desenhamos porque é ele o emblema do trabalho do Criador. Todos os princípios materiais que podem melhor representar o corpo e o espírito nele se encontram reunidos: o corpo é o ramo, e o espírito é a seiva; a alma ou o espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que não é senão pelo trabalho do corpo que o espírito adquire conhecimentos.”

A autora nos leva a viagens aos reinos das formigas, das abelhas e dos golfinhos. Depois segue mais longe, até aos pingüins, aos corvos, às águias e aos chimpanzés, mostrando que o impulso inato de ajuda existe em toda a criação divina como raízes instintivas destinadas às sublimações do amor a serem desenvolvidas pelos animais inteligentes, em seu caminho rumo à angelitude.

Obviamente percebemos a dimensão do desvirtuamento que nós, os humanos, vimos realizando

contra nós mesmos, causando dificuldades, equívocos e dores. Ilustra com dezenas de casos e, para alegria nossa, nos dá a certeza de que não é possível destruir as sementes de nossa filiação divina.

Os retornos estão centrados na educação, equivalente ao "trabalho" na mensagem da parreira. As sementes do amor renascem, ainda que tenham ficado hibernadas por milênios, como aquelas do túmulo do faraó.

Os capítulos se sucedem numa seqüência harmoniosa abordando todos os aspectos que envolvem a encarnação humana, mantendo-os interligados, desde a vida intra-uterina até a morte. Situações difíceis estão por toda parte e para tudo os recursos da educação trazem a solução. Essa frase já tem sido dita, mas esse livro se ocupa de "como" operacionalizá-la. Aí sua originalidade, sua importância, sua urgência.

O primeiro capítulo nos apresenta *O bebê* e suas fundamentais necessidades de sobrevivência: o leite materno que pode ser substituído e a presença do amor que é insubstituível. Conta, em poucas linhas, casos de desamor que ceifaram a plenitude de vida. Salaria que só a educação pode compensar, corrigir ou reunir as partes esfaceladas.

O leite da alma é o amor e o leite do espírito é a educação.

O pensamento egocêntrico está na natureza da criança. É o campo propício para a educação em suas vertentes de amor e de disciplina com flexibilidade equilibrada. Recordamos Piaget: é o construtivismo; Daniel Coleman é a inteligência emocional, incluindo a contribuição que pode ser oferecida pelas Casas Espíritas em favor da construção do homem de bem, que é o homem feliz...

Por favor, não grite... É um conselho do amor que ilustra cada uma de suas afirmativas de forma a termos a convicção de que "só o amor constrói."

É interessante acentuarmos que as afirmativas não são novas. Novos são os meios de realizá-las. Este livro fornece indicações importantes, mesmo diante dos confusos modismos, tão impressionantemente expostos no capítulo sobre *A mulher no século 21*

Podemos dizer de que este livro tem uma segunda parte harmoniosamente complementando a primeira. Heloisa comenta, com aprofundamento espírita, temas relevantes como *Cristianismo e Espiritismo, A Formação de uma consciência crítica e Inflexibilidade mental*. Cada um desses capítulos representam áreas de oportuna e inadiável atenção para o movimento espírita em sua constante busca de aprimoramento, pela educação à fonte referencial que é a Doutrina dos Espíritos, tal como codificada por Allan Kardec.

Há no livro, abordagens sociológicas que levam a novas reflexões, como nos capítulos *A opção pelos pobres e Educando as emoções*.

A educação, diz a autora, deve ser libertadora. Da antiga idéia de Deus como um cobrador que espera juros altíssimos, para a certeza de que Deus é amor, há decisiva libertação. Aliás, todo livro é um hino à liberdade consciente e ao amor equilibrado.

Quanto às "aves feridas" – crianças em reencarnações difíceis – Heloisa em seu campo de trabalho tanto quanto nós, no nosso, testemunhamos que a educação está ensinando-as a voar. Elas estão voando alto porque imitam, mais naturalmente que nós outros, a

natureza e expandem, mais sinceramente que a maioria de nós, o amor que se irradia do fundo do centro do ser.

Educar para ser feliz é um livro de educação, escrito por uma educadora, em linguagem dentro do mais pleno estilo didático e literário adequado aos nossos dias. Convida diretamente à reeducação e causa impactos apresentando casuística interessantíssima, dentro de uma visão holística que interliga a natureza, os animais e os humanos pelo laço do amor.

Isso é talento, vocação, genialidade própria só de educadores verdadeiros, certamente inspirados por outros educadores do mundo maior.

Felicidade é a minha, pelo privilégio de ler este livro ainda nos originais, às vésperas de seu lançamento ao público.

São Paulo, 07 de Maio de 2001

Nancy Puhlmann Di Girolamo

1

O bebê

Herculano explica, em seus livros, que o ser vem à Terra pela necessidade de evolução. Permanece fechado em si mesmo antes do nascimento, no útero da mãe, e algum tempo após o nascimento. Esse período caracteriza a utilização de todas as energias do bebê para a adaptação ao mundo. Repetiremos: Bem trabalhado e amado pela família, diz Herculano, o ser vai se abrindo para o mundo, oferecendo a todos, como uma flor, a beleza das suas pétalas coloridas e o seu perfume. O amor e o exemplo de bondade devem desenvolver o ser, o seu sistema nervoso, o seu cérebro, a sua capacidade de discernimento, tornando-o um indivíduo útil.

Criança mal-amada, malpreparada, diz Herculano, permanece como um botão fechado, esturricado, nada tendo a oferecer ao mundo senão espinhos.

Bem-trabalhado o bebê apresenta um desenvolvimento incrível no seu primeiro ano de vida. “Janelas da oportunidade”, ou seja, células especiais, para a captação da realidade, se desenvolvem e permitem ao indivíduo uma melhor adaptação na sociedade. A formação do ego vai se realizando e, bem mais tarde, o jovem arbusto esplende em uma árvore frondosa que oferece ao mundo a sua sombra e seus frutos saborosos.

Como tratar o bebê?

Com amor e disciplina flexíveis, de acordo com as necessidades do recém-nascido.

É importante alimentá-lo com leite materno, porém mais importante é amá-lo.

Devemos considerar, também que, muitas vezes, a mãe não ter leite e ficar angustiada, cansando o bebê até que ele durma, exausto e faminto, não resolve. O bom senso, o auxílio das pessoas mais experientes, das avós, e, sobretudo, a orientação do médico vão despertar a mãe na compreensão de que pode esperar a vinda do leite ou de que convém, com tranquilidade, alimentá-lo com mamadeira, aconchegando-o, amorosamente, junto ao peito. Existem leites maravilhosos que, se não possuem alguns dos elementos do leite materno, são bem-preparados por especialistas para a nutrição dos bebês. Mas sempre que possível a mãe deve dar o seio para alimentá-lo.

O bebê precisa de estímulos e de sossego. Precisa de tempo para espreguiçar no berço, cochilar e brincar com os pés e as mãos, desenvolvendo os esquemas motores. O respeito ao bebê é o elemento principal para o seu desenvolvimento harmonioso.

Sacudir o nenê, jogá-lo para cima, revela imaturidade de um adulto que não gostaria de ser tratado dessa forma.

Música clássica, colocada em altura conveniente, bem-baixinha, acalma o pequeno ser.

O caminho do meio é sempre o melhor. Nem silêncio total, nem barulho agressivo.

Ao falar com o bebê, utilizar um tom baixo e sereno.

Colocar um brinquedo próprio, que não machuque, que não contenha elementos tóxicos, de forma que ele possa manuseá-lo, para treinar a coordenação motora.

Vesti-lo convenientemente, sempre com roupas confortáveis, que estejam de acordo com a estação. Bebês suados ou resfriados ficam irritados e irritantes.

O sol só deve ser tomado pela manhã, começando por alguns minutos e nunca ultrapassando trinta minutos. Na praia, ele deve ficar embaixo do guarda-sol.

A alimentação deve ser dada em hora certa, para que ele crie hábitos saudáveis. Forçar a mamar e dar o alimento de meia em meia hora impedem a evolução da disciplina. A hora da alimentação deve ser um momento de alegria para o bebê e para quem o alimenta e deve fazê-lo sentir-se bem, após as refeições: não comer de mais, nem de menos.

O pequeno ser não é um brinquedo e colocar elásticos ou enfeites que puxem o cabelinho é crueldade. Roupas complicadas, que apertem o pescocinho ou outras partes do corpo, não podem ser usadas.

Acordar o bebê para mostrá-lo aos parentes ou às visitas é errado. Não custa nada e evita vários traumas esperar a hora certa para apresentá-lo aos visitantes. É um ser humano em formação que deve ser tratado como tal.

Preocupar-se em engordá-lo, porque criança gorda é mais bonita, revela incompreensão dos padrões de saúde e falta de respeito à constituição física do indivíduo. Na década de setenta já era importante não dar nada que engordasse, excessivamente, o bebê, pois causaria problemas futuros.

Parece absurdo lembrar esses detalhes, mas o que temos visto nesse meio século de existência convenceu-nos da necessidade de lembrar do óbvio.

Bem-alimentado, amado, respeitado, estimulado, mas não a ponto de ficar estressado, o bebê supera o período sensório-motor, como diria Jean Piaget, e projeta-se em outra fase, no pré-operatório.

Casos

Caso 1

A mãezinha chega loira e delicada e pega a mamadeira para alimentar o seu filho. O bebê tenta afastar a cabeça, porque não está com fome. Ela insiste, força a mamadeira, obrigando o pequeno ser a mamar. Triunfante, levanta a mamadeira vazia, mas logo perde a alegria, porque o bebê vomitou tudo.

Ansiedade, medo, falta de prática e de leitura sobre essa fase do desenvolvimento do ser geraram o problema. Se continuasse, poderia causar a inapetência e até horror à hora da mamadeira.

Caso 2

A mãe desce do apartamento quentinho, carregando a criança pelos corredores com vento encanado, sem a proteção de um xale. Resultado: gripe, dor de ouvido, noites maldormidas.

Caso 3

A mãe coloca pedaços de tudo o que come na boquinha do bebê. Até macarrão. O bebê engasga e vomita.

2

O pensamento egocêntrico

Poderia ter acontecido um engasgo mais sério. Poderia causar uma dor de barriga.

O bebê não é um adulto; no vestir, no comer, no amor, o respeito é o item primeiro.

Piaget, analisando o desenvolvimento do pensamento, explica o desenvolvimento das crianças em suas primeiras fases de vida, quando se expressam no pensamento:

a) O pensamento está centrado no “eu”; para a criança, ela é o início e fim de tudo; o Sol do sistema solar.

b) Afirmam certas idéias e depois falam o contrário; falta coerência ao pensamento.

c) São incapazes de se colocarem no lugar do outro. Incapazes de estabelecer relações de reciprocidade.

Piaget, analisando as crianças pequenas, classifica-as no estágio pré-operatório.

Diríamos que os estágios vividos permanecem em resíduos em cada indivíduo, e cabe à educação extirpar o pensamento egocêntrico, auxiliando o indivíduo em seu desenvolvimento pleno. Dar ao pensamento a “regulação” de que necessita, para que o indivíduo consiga superar as fases

de imaturidade, esplendendo em todas as suas potencialidades.

Mas que educação conseguiria arrancar o ser de seu egocentrismo? Que educação faria com que ele deixasse de se considerar o centro do Universo, compreendendo que é apenas uma célula do organismo social da Terra?

Essa educação, necessariamente, é para conscientizar o indivíduo da finalidade da existência, da necessidade de caminharmos de "mãos dadas", apoiando-nos uns aos outros, de compreendermos a nossa origem divina e nosso futuro luminoso. Essa educação é aquela que permite ao indivíduo construir o seu conhecimento baseado na verdade, de modo que supere as fases vividas, utilizando a plataforma de suas experiências, para o seu desenvolvimento integral. Deve começar no lar, continuar na Casa Espiritualista que o indivíduo freqüenta e expressar os resultados já na escola, que continuará a impulsioná-lo ao crescimento.

Como os pais podem auxiliar a criança?

Os pais já deveriam ter atingido essa fase melhor de amadurecimento e naturalmente conseguiriam, através do exemplo e de um trabalho de amor, auxiliar os filhos. Infelizmente, isso nem sempre acontece, e muitos pais ainda estão mergulhados no egoísmo, centralizados em si mesmos e expressando-se numa "Desregulação do pensamento". Um grande número de indivíduos permanece nessa fase; dizem uma coisa hoje e se desdizem em seguida. Vivem como pavões tolos, observando apenas as sombras ilusórias que produzem em uma sociedade

carente. Vivem fascinados com a capacidade de adquirir bens ou de pensar sobre os problemas existenciais do mundo. Políticos famosos, profissionais vencedores apenas na horizontal, indivíduos que estão ainda mergulhados no pensamento egocêntrico.

Abrimos os jornais e lemos, horrorizados, histórias de pais que espancam os filhos, filhos que matam os pais, de jovens que matam mendigos. Quanta incoerência! Quanta necessidade espiritual! O homem vai à Lua e a Marte, mas não consegue controlar o mundo interior. Do ponto de vista intelectual, consegue realizar, até com brilho, difíceis operações matemáticas; consegue redigir com brilhantismo, mas está engatinhando do ponto de vista do desenvolvimento das emoções.

Daniel Golleman lembra que O Quociente Emocional Deficiente impede o desenvolvimento pleno do ser, mesmo que o intelectual seja altíssimo.

O que fazer? Como o Construtivismo pode auxiliar o indivíduo a atingir o desenvolvimento pleno na capacidade de pensar coerentemente, amorosamente, civilizadamente?

Pais mergulhados no pensamento egocêntrico – “destrutivismo”

Abrindo os jornais, deduzimos o que não deve ser feito para educar um filho. Aparecem os vários processos de deseducação, de incapacidade de auxiliar os filhos na construção positiva do próprio conhecimento.

Inspiramo-nos, também, no livro de Luiz Ângelo Dourado, *As raízes neuróticas do crime*, para analisarmos algumas atitudes que impedem o indivíduo de construir o seu conhecimento para se expressar de forma harmoniosa na Terra.

Nos vários casos lidos, pais egoístas, omissos, indiferentes, agem de forma destrutiva, impedindo o desenvolvimento das crianças. Entre os casos contados por Luiz Ângelo, um chamou muito minha atenção: os casos de José. Luiz encontrou-o em uma prisão do Rio de Janeiro.

José era um menino que desejava ser feliz, que apresentava possibilidades para um desenvolvimento harmonioso. Mas os pais não permitiram. Pai e mãe viviam brigando. José pensou que, se os pais se separassem, ele poderia viver mais tranqüilo. Mas, quando seus pais se separaram, os problemas aumentaram. Continuaram brigando, um falando mal do outro; tentando destruir a imagem do cônjuge, na realidade, estavam destruindo José.

O menino não consegue, fisicamente, o desenvolvimento pleno e não recebe os estímulos de amor que lhe permitiriam a expressão de conhecedor no mundo, captando a realidade à sua volta e aproveitando suas percepções para construir o seu conhecimento, na arte de bem-viver, inclusive. José não consegue devolver uma "regulação essencial ao raciocínio", como diria Piaget, porque seus pais, mergulhados em um terrível egoísmo, desequilibram, emocionalmente, a criança. Brigas, proibições, gritos, ameaças impedem a criança de aprender na escola o que lhe é ensinado; impedem o

adolescente de ter uma vida afetiva, escolar e familiar razoáveis, relativamente equilibrada; impedem, depois, o adulto de ter até uma vida profissional que lhe garanta o sustento. José cresce confuso, perdido nas emoções desequilibradas. Casa. Pensa em matar o filho; foge de casa para não cometer o crime e mata um homem que se parece com seu pai. Acaba na prisão, onde Luiz Ângelo Dourado o encontra e ajuda.

As ações terríveis que fazem do filho um fracasso ficam bem claras:

1) Seja egoísta; faça apenas o que deseja, machucando espiritualmente, e até fisicamente, todos à sua volta.

2) Pense apenas em você; esqueça que os outros também devem ser ouvidos e têm as próprias razões para agir de determinada maneira.

3) Esqueça que o seu filho precisa de sua atenção e amor e de que só pode desenvolver a auto-imagem positiva de se amar e respeitar os pais.

4) Não demonstre respeito ou consideração por ninguém.

5) Esqueça o diálogo como forma melhor de educar. Grite, ameace, exija, sem dar explicações.

6) Não apresente seu filho ou seu educando a Deus, a Jesus, a Buda, aos exemplos maiores de crescimento espiritual.

7) Não ensine à criança o respeito aos mais velhos e aos ascendentes.

8) Esqueça o modo amoroso usado pelos chamados selvagens para ensinar suas crianças. Use o espancamento.

9) Expresse toda a sua necessidade emocional, através de um comportamento de completo desequilíbrio.

10) Alugue filmes violentos; divirta-se com programas desequilibrados, traga para casa revistas pornográficas.

11) Trate mal o seu cônjuge. Fale mal dos seus parentes e do cônjuge. Demonstre desrespeito total aos ascendentes e descendentes (estará criando indivíduos desequilibrados, necessitados).

Essas são algumas atitudes que farão de seu filho, ou de seu educando, um indivíduo neurótico, infeliz, corrupto, cruel, criminoso. Depois não coloque a culpa do destempero de seu filho no cônjuge, na reencarnação, na sociedade. O problema foi criado por você e cabe a você resolvê-lo.

3

Por favor, não grite ...

Uma mãe na AACD só falava com a filha aos gritos.

Uma outra mãe contou-me que todo prédio sabia quando a filha chegava da escola, porque a mãe já começava a gritar. Amava imensamente a filha, mas disse que não tinha paciência com crianças. Por que tivera filhos? Desejaria um boneco virtual? Não sabia que as crianças dão trabalho, mas, tanto quanto as plantas gratificam-nos com a sua alegria e o seu amor? Gritar é um hábito horrível; a criança aprende só responder a gritos. O ar fica cheio de tensão, o ambiente da casa desagradável, a criança nervosa.

Por favor, não grite; seu filho não é surdo e se apresentar alguma deficiência auditiva você vai aprender a educá-lo com amor, gestos, paciência.

O grito é a falência do processo educacional, a incapacidade no diálogo, a irracionalidade aquém dos animais ditos irracionais.

Perguntou-me uma mãe:

- Mas, o que faço, se meu filho não me atende?

- Existe entre vocês um jogo: ele a irrita, você berra e ele atende. Isso o diverte. Ele manipula você. Brinca com seus sentimentos, percebe a sua insegurança, o seu desequilíbrio emocional.

- Mas, eu grito com ele há quatro anos, como vou mudar agora?

- Sempre é tempo de mudar. Converse primeiro com ele e apresente as regras do lar. Explique os horários do banho, do jantar, do brinquedo. Firme e serenamente diga como devem viver, o que espera dele e o que ele pode esperar de você; fale sobre seu nervosismo e explique como ele pode ajudá-la. Até os cães e gatos compreendem o que queremos. Modifique-se; não grite mais, por favor.

- Mas, se ele não me obedecer?

- Ele vai obedecer-lhe, se você conseguir a expressão de equilíbrio emocional de um educador. Mas se ele ainda não estiver preparado para a disciplina proíba a televisão. Faça-o sentir que na vida todos têm direitos e deveres. Explique o papel de cada familiar e mostre como cada um cumpre o seu dever. Toda mudança exige trabalho. Mudar o seu comportamento de mãe desequilibrada para indivíduo totalmente equilibrado requer esforço seu e dele. Tome maracujina, faça O Evangelho no Lar. Vá à Casa Espírita; fortifique-se espiritualmente. Os seus vizinhos agradecem, o seu sistema nervoso agradece e o seu filho conseguirá o desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

-Você diz isso, porque não tem filhos.

-Não sou como você. Criei cinco e já tenho netos. Os três menores eram levadíssimos, mas não os eduquei, berrando. Sabia que só o amor educa e sempre os tratei como fui tratada por meus pais, com amor, carinho.

-E como você chamava a atenção deles, quando erravam?

-Conversávamos. Eu iniciava o meu diálogo elogiando-os, mostrando as muitas qualidades que tinham para,

depois, só depois, conversar sobre o erro a ser corrigido. O ambiente do Lar ficava calmo, eu e o filho, felizes; orgulhava-me do meu modo de agir e verificava que as palavras ditas, calmamente, com uma emissão de amor convencem, doutrinam. Não é assim que agimos como doutrinadores na sessão de desobsessão? Já imaginou tentarmos doutrinarmos, berrando?

-Eu vou tentar; se não der certo, volto aos gritos.

-Certo. Mas coloque um gravador para depois ouvir os seus guinchos e entender porque é contraproducente berrar.

-Vou experimentar.

Três meses depois reencontrei a mãe gritona e ela disse que melhorara muito. Que às vezes ainda tinha recaídas, mas pedia desculpas, pedia ajuda ao filho; orava e estava conseguindo entender o que é educar. O marido agradecera o novo ambiente do Lar e o filho estava calmo, mais alegre, menos tenso. Milagre ? Não, uso da razão, utilização da capacidade de pensar, da força mental do diálogo; ligação com o Plano Espiritual Superior, através de uma ambiência espiritual mais harmônica.

"Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, nada vos será impossível", disse Jesus. Sabemos que nossos filhos são centelhas divinas, que foram criados para a luz; como educar luzes com sombras?

Iluminemos nosso Lar com nossa alegria, paciência e ligação com as energias luminosas do Universo. É necessário crescermos espiritualmente. Amadureçamos...

4

Quando nos preocupamos com a educação dos filhos?

Evoluímos em equipes, em grupos. Formamos famílias unidas pelos laços do amor que, muitas vezes, se exprimem em necessidade, em desajuste aparente, em dor.

Na verdade, em uma encarnação várias tempestades atingem o nosso Lar, provocadas pelos desajustes que surgem através dos séculos, produtos de nosso egoísmo e orgulho. Mas às vezes, já estamos relativamente equilibrados e recebemos em nosso Lar aqueles que caminharam conosco em várias experiências evolutivas, e por vários motivos permanecem marginalizados nos estágios primários das necessidades evolutivas. Ao mais forte, lembram *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*, cabe a tarefa de auxiliar o mais fraco. Aquele que caminhou mais tem o dever de amparar, de auxiliar o desenvolvimento daquele que inicia a sua marcha evolutiva. Observando a natureza, vemos o exemplo do amparo do mais forte para o mais necessitado em todas as sociedades animais, como nos lembra Remy Chauvin no seu livro *As Sociedades Animais*.

Na sociedade das abelhas cada indivíduo cumpre as suas tarefas silenciosas, humilde e amorosamente. Levado pelo instinto, o ser age quase sempre de forma correta, exemplificando ainda em termos de inconsciência, o "ama o próximo como a ti mesmo".

Entre as abelhas, enquanto a rainha bota seus ovos com pouca possibilidade de descanso, sacrificando-se em favor da espécie, as obreiras cumprem a tarefa de tudo providenciarem, para o bem-estar e sobrevivência dos seus pequenos bebês.

Quando a temperatura da colméia aumenta, as obreiras colocam-se em pontos estratégicos e batem as asas para refrescarem o lar, impedindo a morte de seus bebês. Se o calor continua, saem da colméia e mesmo que do lado de fora o frio seja intenso, arriscando a vida em defesa daqueles que dependem só delas. Vivem para a comunidade, em favor dos mais necessitados.

Como a vida na sociedade dos homens seria melhor se agíssemos com relativa consciência como as nossas irmãs abelhas...

Mas o mesmo amor encontramos entre os golfinhos. Atacado por um tubarão, o golfinho lança ao ar o seu pedido de auxílio e todos os golfinhos que o ouvem nadam em seu auxílio. Sozinho, o golfinho morreria; amparado, vence o tubarão.

E o exemplo da necessidade de caminharmos amparando-nos vem dos vários reinos dos animais irracionais.

Leões, elefantes, chimpanzés convidam-nos a entender que só venceremos, dando-nos as mãos na construção de uma sociedade justa, onde todos tratam o próximo como gostam de ser tratados.

Se no tempo e no espaço treinamos a fraternidade, o amor, agora devemos estar aptos para, inteligentemente, exemplificá-los. Deveríamos entender que só nos apoiando uns aos outros construiremos a sociedade baseada no amor e no respeito ao próximo, ao nosso irmão. E se viemos através dos séculos caminhando em equipes, deveríamos caminhar como famílias homogêneas, nas quais cada uma visaria, como fazem as abelhas, formigas, golfinhos, leões, elefantes, ao bem-estar do seu próximo. Equipes familiares felizes, unidas, harmônicas. Famílias sem grandes problemas que constituiriam uma sociedade tranqüila. Um mundo sem guerras, sem desemprego, sem meninos de rua, sem viciados e traficantes. É para isso que "nascemos, morremos, renascemos, ainda, evoluindo sempre; tal é a lei..." PARA FAZERMOS DA TERRA UM PLANETA DE PAZ, ALEGRIA E AMOR. Embora os sadomasoquistas fiquem indignados, analisando o mundo à nossa volta, entendemos como explica *A Gênese*, de Allan Kardec, no capítulo "O BEM E O MAL", que nós criamos a maioria de nossos males e se criamos devemos e podemos agora destruí-los, através do amor; estamos aptos a realizar a tarefa, pois nosso irmão mais velho, Jesus, disse que se tivéssemos fé nada seria impossível.

Viemos, pois, para formarmos famílias felizes; fomos preparados no mundo espiritual, como bem explica *O Livro dos Espíritos*, para a vitória. Todos os nossos parentes difíceis, inclusive, receberam a preparação necessária para caminharem através do "ama o próximo como a ti mesmo". *O Evangelho Segundo o Espiritismo* nos lembra, ainda, que no mundo espiritual escolhemos nossos companheiros de jornada para caminharmos de "mãos dadas, felizes, unidos, não para

o sofrimento e a dor, mas para a paz e o amor; só permanecem no erro, na incompreensão e desamor aqueles que fazem questão de continuarem mergulhados nos condicionamentos desequilibrados do passado”.

Não podemos falar em educação entre os animais irracionais, mas em preparação para uma futura educação; através dos instintos o ser como que é treinado para mais tarde expressar-se no “ama o próximo como a ti mesmo...”

Precisamos educar nossas crianças na compreensão da importância de unirmos nossos esforços na construção de um mundo melhor, no qual as diferenças sejam resultados da capacidade e nunca da falta de oportunidade.

O indivíduo não-amado, ou mal-amado, ou educado sem amor, ou através de um “amor egoísta, deseducador, que estimula egoísmo, contribui para a formação da terrível sociedade que criamos, na qual o desemprego, a violência, as doenças, impedem o homem de ser feliz...”

O Evangelho Segundo o Espiritismo mostra a importância do exemplo, contando como uma mãe educa a filha para o amor, levando-a a visitar os pobres para aliviar o sofrimento dos mais necessitados.

No *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 13, “Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita”, item 4, “Os infortúnios ocultos”, encontramos a fórmula que fará com que afluam nos nossos filhos o melhor do que aprenderam no tempo e no espaço. Só o amor educa e só praticando-o seremos felizes. Preocupada em ensinar à filha a amar, essa “senhora de ar distinto, de trajas simples, mas bem cuidados”, usa a Razão, os atos de auxílio ao próximo realizados entre as abelhas, formigas, golfinhos, pelicanos, chimpanzés, para fortalecer esses exemplos.

5

O exemplo dos corvos

Os corvos podem nos auxiliar na compreensão das nossas necessidades? Embora muitos considerem isso incrível, os corvos nos exemplificam o comportamento desejável em um casal: fidelidade, respeito, “amor”.

Os pesquisadores observaram vários casais de corvos. Verificaram que permanecem noivando por dois anos, sem união sexual completa; diríamos que há uma união de alma. Constroem juntos o ninho, comunicam-se através de uma linguagem especial, voam juntos. Só após dois anos casam e começam a ter filhos. Os casais, em geral, logo se entendem. Os pesquisadores viram, porém, casos especiais que mostram as diferenças individuais existentes em matéria de instinto. Um casal de corvos iniciava o noivado, e o macho escolhia o local próprio para fazer o ninho. Iniciava a construção, e a fêmea, que não estava ajudando, ainda começava a implicar, exigindo uma mudança de lugar. Pacientemente, o macho reiniciava a construção, até que a fêmea interferia. De repente, o macho teve o que se poderia chamar um “ataque histérico”, o que nunca antes fora observado entre os corvos, e exigiu que a fêmea o deixasse em paz; deve ter “dito” poucas e boas, porque ela abaixou a cabecinha e mudou de comportamento. Acho que ele disse que arrumaria uma

“corvinha” mais “racional”. Juntos construíram o ninho, tiveram muitos e educados filhos e foram felizes para sempre... Assim espero...

Outro caso interessante foi o de um casal de corvos muito unidos. Como um grande número de corvos, gostavam de imitar os ruídos provocados pela sociedade dos animais. O “corvinho” escolheu o “latido dos cães” e a “corvinha” o “glu... glu...” dos perus. E passavam os dias voando e fazendo os ruídos que imitavam. Um dia, os pesquisadores viram a “corvinha” desesperada, procurando o corvo amado, produzindo, para encontrá-lo, o “latido dos cães”. Voava de árvore em árvore, usando a comunicação escolhida pelo “corvo” amado. Após algum tempo, veio a resposta, e o corvo ferido escolheu a linguagem da “corva” amada para responder; usou o “glu... glu...” dos perus. Os pesquisadores curaram o “corvinho” e, em breve, o casal voava feliz.

Exemplificaram a capacidade de, entre os que se “ama”, sintonizarem o sinal, de tal forma, que um entende a comunicação do outro e é capaz de utilizá-la.

Mais exemplos surgem no reino dos corvos.

Um “corvinho” de olhos negros apaixonou-se por uma linda e esbelta “corvinha”. Infelizmente, a danadinha estava “apaixonada” pelo pesquisador humano. Em vão o “corvinho” a convidava para entrar no ninho que construía; ela esperava o “corvinho” sair e tentava fazer com que o pesquisador entrasse no ninho. Todos os observadores riam muito. O problema começou a ficar grave, quando o “corvo”, irritado, começou a agredir a fêmea com bicadas terríveis.

O pesquisador, pelo qual a fêmea estava apaixonada, resolveu fazer uma viagem, para que ela conseguisse namorar o “corvinho”.

Notando a falta do pesquisador, a "corvinha" ficou "chorosa" por uns dias; começou, depois, a prestar atenção no "corvinho" gentil. Notou que ele era um bom partido, capaz de conseguir alimento saboroso para a sua família. Aceitou feliz os pedacinhos de carne que ele "amadurecia" ao sol. Começou a namorá-lo e, em pouco tempo, voavam juntos, conversando sobre um futuro que, provavelmente, seria feliz.

O pesquisador, avisado do que estava ocorrendo, voltou e notou que a corvinha não o olhava mais. Ela o olhou, apenas uma vez, para "perguntar" como pudera julgar amar aquele branquela enorme e desengonçado.

Os corvos noivaram por dois anos, casaram e tiveram muitos filhos...

Considerando o bicho-homem...

Difícilmente, os casais humanos conseguem agir de forma correta, resolvendo, como fazem os chamados irracionais, pelo instinto, os seus problemas.

O primeiro casal de corvos mostrou a necessidade do amor "exigente", de educarem-se um ao outro. Em um grande número de casais humanos, em tudo cedem, aceitam tudo, para viverem "bem". "Sapos engolidos" expressam-se mais tarde, em desajustes profundos, que produzem desencontros e até separações. O diálogo, a explicação das dificuldades, a exigência de respeito e de um tratamento civilizado evitam problemas amargos.

O "bicho-homem" não sabe ou deveria aprender a dialogar, explicando os seus desejos e necessidades. Auxiliaria o seu próximo a ficar mais educado, a evoluir.

O pai Herculano sempre dizia que não podemos evoluir sozinhos, que está enganado quem pensa que, cedendo em tudo, está evoluindo.

Papai dizia que é uma tentativa inútil de evoluir, porque expressa egoísmo: "Eu sou bom, eu estou evoluindo". E o outro, como fica?

O casal de corvos, muito unidos, exemplifica a maturidade que permite a um indivíduo colocar-se no lugar do outro. Esse indivíduo está apto ao diálogo ou passível de amar o próximo como a si mesmo, quando se fala no homem. Essa empatia demonstrada aos seus rudimentos, por instinto pelos "corvinhos" aparecerá, mais tarde, no reino hominal, nos exemplos maravilhosos de compreensão das necessidades do outro, do irmão.

O caso da corvinha "apaixonada" por um ser humano lembra os indivíduos mergulhados no mundo das ilusões; como mulheres que julgam que a vida é uma novela da televisão e não aceitam o homem bom, trabalhador, que tem ao seu lado.

Esse caso lembra o de centenas de indivíduos que destroem seus lares por causa de aventuras efêmeras. Estão mergulhados na própria imaturidade, vivendo no mundo dos sonhos, esquecendo que viver é uma arte muitas vezes difícil, que exige paciência, renúncia, firmeza, amor, ou como disse o Mestre Jesus: "ama o próximo como a ti mesmo..."

Quantas lições a vida nos oferece! Como crescemos, observando a Natureza...

Histórias que a vida conta...

João e Maria julgaram se amar; casaram.

João tentou equilibrar a economia do Lar, mas Maria o chamou de sovina. O dinheiro não chegava nunca. Se ganhavam mais, gastavam mais. As brigas eram terríveis e João resolveu ceder em tudo. Foram "para o brejo", como diz o povo. Estouraram o cheque especial, ficaram superendividados. João começou a refletir sobre a inconveniência de dizer sempre sim. Precisou de um tratamento na Casa Espírita e um bom psicólogo, para fazer Maria compreender a necessidade de disciplinar seus gastos. Continuam lutando para pagarem as dívidas e para construir um casamento sólido, no qual os dois fazem o melhor em prol da família. Estão aprendendo como estabelecer limites para os filhos. João está compreendendo que amor expressa firmeza, disciplina, planejamento e conquista da felicidade.

O "corvinho" fez a "corvinha" entender o comportamento desejado rapidamente. Nos humanos, devido ao aprimoramento intelectual, tudo é mais complicado, porém mais produtivo e mais consciente. João conseguiu construir um Lar feliz; agora está no caminho certo...

Vitor e Vera formam um casal harmonioso. Um entende o outro, através do olhar. O amor é profundo, veio dos séculos. O problema surgiu, quando um dos filhos cresceu e tentou expressar-se na indisciplina. Jamais um acusou o outro pela falta de educação do jovem necessitado. Sabem que, às vezes, lares felizes recebem espíritos necessitados, para que, dentro da Lei do Amor, o mais forte auxilie o mais fraco; sabem também que as almas frágeis exigem cuidados especiais, para

se transformarem em árvores frondosas. O filho cresceu freqüentando a Casa Espírita e continua a freqüentá-la. Nunca questionou a importância do Espiritismo, aprendendo com os pais que, se a escola comum é indispensável na conquista de uma profissão, a Casa Espírita é o antibiótico natural que vai curar as doenças da sua alma. Sente nos pais a força da união e do amor e, embora, provavelmente, não consiga atingir a maturidade dos irmãos, é hoje melhor do que ontem e amanhã, dentro de suas possibilidades, atingirá o desenvolvimento possível. Com pais problemáticos o jovem apresentaria dificuldades maiores.

Problemas nos filhos exigem união maior dentro do Lar e utilização dos recursos que a Casa Espírita oferece: desobsessão, evangelização, palestras, etc. Nunca se esquecer de O Evangelho no Lar; é a possibilidade de sintonia com irmãos maiores que nos auxiliam em nossas dificuldades.

Um casal de corvos mostra o mergulho desastroso do indivíduo no mundo das ilusões. Viemos preparados para a vitória, diz *O Livro dos Espíritos*. Não existe um indivíduo que não apresente possibilidade de vitória. Mas o "orai e vigiai" de Jesus é indispensável, para vencermos as nossas dificuldades.

A corvinha da história ficou "apaixonada" por um humano.

Quantos casais humanos impedem sua felicidade, mergulhando nas tentações do mundo, iludidos quanto à finalidade da reencarnação! Maridos abandonam esposas e julgam encontrar a realização dos seus sonhos longe do amparo daquelas que escolheram para mães dos seus filhos. Desencontros são frutos não de necessidades reais, mas da falta de maturidade de um dos cônjuges.

Às vezes, o casal continua aparentemente unido, mas a separação de corpos e almas existe dentro do Lar.

Relembremos o senador Públio Lêntulus Cornelius, procônsul da Galiléia, e sua esposa, Lívia, na história narrada por Emmanuel no livro *Há Dois Mil Anos*, psicografado por Francisco Cândido Xavier. O orgulhoso senador acreditou em calúnias levantadas contra a sua esposa e colocou-a marginalizada dentro do Lar. Não mais conversava com ela e não lhe permitia educar a própria filha. Destruiu a família. Criou sofrimentos terríveis para ele mesmo. Quando resolveu conversar com a esposa ela morre, no circo junto com os cristãos. O senador, com os olhos cheios de lágrimas, reconhece que outra teria sido a sua vida se atendesse ao chamado de Jesus.

Quantos cônjuges compreendem, tarde demais, que outro seria o seu "destino", se tivessem paciência, capacidade de perdoar, compreender, exemplificar...

6

O exemplo dos pingüins

Os pingüins formam uma coletividade disciplinada e feliz.

Uma vez ao ano encontram-se na Antártida. Machos e fêmeas, que haviam migrado para colônias diferentes, reencontram-se em meio a muita alegria. “Marido e mulher” encostam peito no peito e permanecem por minutos na troca energética que os fortifica.

Os machos solteiros vão procurar a sua “cara-metade”. O critério, para ser considerado um bom partido, é a bolsa que possuem para chocar os ovos; a lei “igualdade de direitos, diferença de funções”, brilha na expressão dos pingüins.

Depois dos reencontros e novos encontros, vêm os acasalamentos. Após algum tempo, as fêmeas botam seus ovos e os entregam aos machos. Os machos colocam os ovos nas bolsas próprias e iniciam os cuidados necessários, sacrificando-se pela coletividade. Oitocentos, quinhentos pingüins, formam grandes filas, enfrentando cinqüenta graus abaixo de zero, sacrificando-se pela nova geração. Novamente a Lei Natural: “O mais forte ampara o mais fraco.”

Às vezes, uma tempestade de neve causa baixa maior na temperatura. Os pingüins aproximam-se uns dos outros, formando um grande coração; alegoricamente falando, dividindo o calor e permitindo a sobrevivência

de todos, sobretudo dos bebês pingüins que, ainda, estão dentro do ovo.

Os bebês rompem a casca do ovo graças ao auxílio de todos e são entregues às mães.

Chega, novamente, a hora de partir; casais separam-se para um reencontro no outro ano.

Pesquisados, os pingüins provaram a sua fidelidade. Durante quinze, dezesseis anos, permanecem unidos, e a cada reencontro o macho procura a sua fêmea.

O bom humor dos pingüins é impressionante. Nos reencontros eles possuem, na Antártida por exemplo, uns vinte e um pontos que permitem a comunicação e as demonstrações de afeto. Quando um desses pontos submerge, os pingüins saem da água gelada alegres, brincando. Ao contrário do "bicho-homem", não acusam a Deus, nem se lamentam. Por instinto, "sabem" que acidentes acontecem, e problemas são ingredientes da evolução.

Várias lições aprendemos com os nossos irmãos pingüins:

a) O bom humor é o melhor remédio tanto nas horas difíceis como fáceis.

b) A fidelidade é lei natural, que expressa o "fazer ao outro o que desejamos que o outro nos faça", como disse Jesus.

Ou: "somos responsáveis pelo que cativamos", como diria a raposa do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint Exupéry.

c) Amparar os mais fracos, as novas gerações, é dever de cada elemento da comunidade.

d) Dividir as tarefas, trabalhar em equipes, sem permitir

que o outro seja sacrificado, é Lei Natural, não é criação do homem.

e) O homem, saindo do domínio dos instintos que conduzem o ser para atos quase sempre corretos, deve aprender a caminhar, através da Razão, com o respeito ao semelhante. O orgulho e o egoísmo, que tantos males causam ao homem, devem ser extirpados dos corações, através da compreensão de que só dando as mãos construiremos um mundo melhor.

Se o indivíduo, na Terra, é treinado, através dos séculos, para a fraternidade e o auxílio ao próximo, o homem deveria expressar-se com muito mais dignidade nos seus relacionamentos afetivos.

Casos de família dos civilizados na Terra

O caso de Pedro e Vera.

Pedro e Vera se casaram há cinco anos, julgando que se completariam.

Pedro acorda nervoso, reclamando de tudo. Vera finge que dorme.

Quando Pedro engoliu um leite frio e vai sair, ela finge que acorda naquela hora e canta a música do Moacir Franco:

“Ei, você aí, me dá um dinheiro aí,
Me dá um dinheiro aí...”

Pedro estoura. Não há dinheiro que chegue, porque

Vera recusa-se a trabalhar. Quer ter um filho. Não pensa no trabalho que vai ter, nos gastos, na necessidade de ajudar Pedro nas despesas do Lar. Menina mimada, quer continuar brincando de casinha, apenas, com uma grande boneca.

Os dois não se comunicam mais; o diálogo acabou no Lar e, ainda, egoisticamente, querem colocar um filho no meio da guerra que se estabeleceu.

Faltam maturidade, amor, aconselhamento com especialistas, educação.

Pedro e Vera deveriam aprender com os senhores pingüins que a vinda de um filho requer renúncia, divisão de tarefas, sacrifícios que se expressarão na alegria de ver um bebê, iluminando o Lar com o seu sorriso ou um ser mais necessitado que precisa de amor e atenção.

O Caso de Magda e Mauricio

O casal já possuía três filhos adolescentes, quando Magda desejou uma menina. Resolveram adotar. Finalmente encontraram uma loirinha de olhos verdes que falou alto aos seus corações. Levaram o bebê, que estava com quinze dias, para casa. Três meses depois, notaram que havia alguma coisa errada. Levaram a criança a vários médicos e descobriram que a menininha apresentava paralisia cerebral. Apertaram a criança ao peito e decidiram que ela teria todo o amor e tratamento que lhe pudessem dar. Hoje a menina está com quinze anos. Anda com dificuldade, não fala, e é o centro das atenções de toda a família. Dividiram as tarefas, as despesas e, mesmo os filhos casados, auxiliam a irmã. É um exemplo de maturidade, de civilidade. Dependemos uns dos outros, e quando um irmão depende um pouco mais de nós, é uma alegria poder ajudá-lo.

Os nossos irmãos pelicanos alimentam um irmão doente, cego ou com qualquer dificuldade. Nosso irmão com dificuldades é fonte de alegria, de trocas energéticas que o fortificam.

Nossas crianças especiais são fontes de alegria e oportunidade de nos desenvolvermos na prática do amor e na compreensão de que a Terra é uma escola.

O caso de Andréia.

O casal esperava com impaciência o primeiro filho. Já apresentavam dificuldades no relacionamento. O diálogo ficara difícil. Mas o bebê era esperado com ansiedade. Nasce uma linda menina, ruivinha, e o casal fica fascinado. Perdem a capacidade crítica. Desde as primeiras expressões na Terra, a menina impõe a sua vontade. Exige mamadeira o dia inteiro; dorme de dia e chora à noite.

O casal não tem fibra para disciplinar o pequeno ser.

Crescendo mais, a menina fica roxa, perde o fôlego sempre que contrariada. Manda nos pais e nos avós.

Quando começa a freqüentar a escola, joga-se no chão e berra até ser levada para casa. Só aos oito anos aceita freqüentar o estabelecimento de ensino. Muito inteligente, já sabe ler e escrever, mas, emocionalmente, é completamente descontrolada. Exige gritando que seus desejos sejam satisfeitos.

Piora na adolescência. Não respeita os pais. Arruma namorados desajustados e chega à casa de madrugada ou no dia seguinte. Os pais, que nunca falaram não, continuam perdidos; não sabem como agir.

A moça casa e, após alguns meses volta para o Lar dos pais com um filho. Continua desequilibrada, exigente, escandalosa. O filho, quando cresce, começa a imitá-la.

A casa agora é um inferno. Os avós não se suportam; brigam por causa da filha e do neto. Gritos, desobediências, vida difícil. E pensar que tudo poderia ser evitado, se os pais tivessem educado a sua filha. Se entendessem a importância da disciplina, do amor racional, da educação.

Ainda haveria tempo de melhorar o ambiente no Lar. Pai e mãe deveriam assumir o papel de educadores. Uma terapia com todos os membros da comunidade infeliz auxiliaria. Um tratamento psiquiátrico, sério, para a moça inconseqüente. E, sobretudo, o auxílio intenso ao pequeno neto. Os adultos precisam entender que amar não é satisfazer todas as vontades; que amar não é, por complexo de culpa, deixar que os nossos educandos imitem potros selvagens.

Amar é preparar para a vida. É fazer o possível, para que o educando entenda que o seu direito termina onde começa o direito do outro. Amar é exigir respeito, voz no tom certo, conversa educada, porque, como dizia meu querido professor São Marcos, diretor do Curso de Filosofia da Federação Espírita do Estado de São Paulo, a mão que dá o pão exige respeito. E se essa mão não educar o indivíduo, ele será um ser desagradável, um elemento indesejado, onde quer que se expresse.

Se amamos nossos filhos, vamos educá-los para o mundo...

O que seria da coletividade dos pingüins se cada elemento tentasse viver de forma egoísta, isolado? Seria o caos e, provavelmente todos morreriam na primeira tempestade de neve. O que assegura a vida, a continuidade, a união, é exatamente "o dar as mãos..."

7

Construtivismo na família

Sabemos das influências que o filho recebe no útero materno. Hoje, a Ciência, através de alguns irmãos que vencem o preconceito científico, aceita o mergulho, além das barreiras do útero. O ideal seria, pois, que os pais já se estivessem conscientizados, em um sentido positivo, antes do encontro que resulta em constituição da família. Que os seus pais e os pais de seus pais houvessem agido sempre nesse sentido positivo, fazendo com que círculos luminosos fossem crescendo, possibilitando o aparecimento de indivíduos melhores. Dentro da lei de solidariedade, cada ser que cresce impulsiona outros ao desenvolvimento pleno.

Infelizmente, isso em geral não acontece. A maioria, ou pelo menos um grande número de casais, não está suficientemente amadurecido, para cumprir o compromisso assumido com o outro e com os filhos. Brigas, discussões, tumultuam o Lar e o mundo mental da criança.

Piaget lembra a importância da mãe nas primeiras expressões do ser, na Terra, para que o amor possibilite o desenvolvimento do sistema nervoso da criança. Do crescimento emocional harmonioso depende o das várias espécies de inteligência. Sem o amor da mãe, ou de

alguém que a substitua, não haverá evolução do pensamento.

Herculano Pires explica, no seu livro *Introdução à Filosofia Espírita*, que graças ao amor da família, o educando consegue sair do seu mundinho fechado e se abrir para o mundo, como a flor se abre ao calor do sol, oferecendo a beleza de suas pétalas coloridas e o seu perfume. A criança não-amada, mas trabalhada, fica com o ego atrofiado, faminto e pode se expressar como um profissional corrupto, um indivíduo cruel, um omissivo incapaz de sentir a dor do próximo.

É graças ao amor da família que o indivíduo vai adquirir a plataforma harmoniosa para a construção do seu pensamento.

Cabe à família propiciar ao bebê as bases do amor para o seu desenvolvimento pleno. Dar o seio, ou em caso de ausência do leite, a mamadeira, com amor. Aconchegando o bebê ao peito é um dos passos indispensáveis para possibilitar o construtivismo no Lar.

Disciplinar o educando com amor, suave, mas firmemente, dando a alimentação na hora certa, respeitando os horários de sono da criança, conversando, civilizadamente, sem excessos de risos e gritos, demonstrando o equilíbrio emocional conseguido, são a melhor forma de desenvolver o pensamento, o raciocínio, as bases do discernimento do bebê.

Pais que não têm disciplina alguma, que dão os alimentos apenas, quando a criança berra de fome; pais incapazes de ensinar o filho a não esbofeteá-lo no rosto; pais incompetentes no domínio das próprias emoções, serão responsáveis por muitas das dificuldades intelectuais, sociais e morais dos filhos.

O “ama o próximo como a ti mesmo”, que no Lar começa pelo amor expresso aos ascendentes, avós, tios etc., é a lei maior para a construção de uma família harmoniosa que produzirá seres úteis a si e à sociedade.

A prece no Lar, pelo menos uma vez por semana, com a leitura de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, as conversas edificantes, os bons filmes, a boa música são os elementos indutores à boa reação dos indivíduos.

A música deve ser considerada como alavanca preciosa no desenvolvimento dos educandos. Os neurologistas pesquisaram a importância da música para o aproveitamento das células especializadas existentes nas crianças em suas primeiras fases de desenvolvimento e descobriram que sons harmoniosos provocam a atuação dessas células especializadas, que captam, intensamente, a realidade exterior. A falta de estímulo produz a implosão e morte dessas células.

Hoje, maternidade e paternidade são opções. O casal deve planejar, carinhosamente, a vinda dos filhos, para recebê-los consciente das suas responsabilidades e com o amor que, mesmo os neurologistas reconhecem, proporcionará ao ser a construção harmoniosa da sua possibilidade de se expressar como ser que age à luz da Razão.

8

Tarefas construtivistas

O chamado selvagem permitia ao filho o desenvolvimento pleno, deixando que ele realizasse as tarefas do cotidiano.

A sociedade do chamado civilizado, muitas vezes, prejudica o desenvolvimento esquecendo que aprendemos fazendo. Excesso de teoria, pouca utilização das mãos na construção de tarefas úteis, falta de participação dos pais na vida do filho, falta de paciência para permitir que a criança consiga o seu desenvolvimento, participando, integralmente, da vida no Lar e aprendendo através do erro causam os grandes problemas da nossa sociedade atual. O século 20 foi difícil; James Golleman, no seu livro *Comportamento Anormal*, diz que poderíamos chamá-lo de século da angústia. Falta, exatamente, a família atuante, auxiliando o indivíduo na manipulação e no domínio da energia condensada, no que convencionamos chamar de matéria densa.

A vida sedentária das crianças em frente do computador ou da televisão; a vida inexpressiva e monótona na repetição de exercícios físicos que não lhes permitem a criatividade; a vida inexpressiva e monótona na repetição de exercícios físicos que não lhes permitem a criatividade; a vida em apartamentos que as impede de plantar, regar,

lidar com a terra, como que limitam a capacidade de raciocínio. As tarefas são dadas "mastigadas" para os filhos.

Partimos desse raciocínio para deduzirmos quais as tarefas que podem desenvolver a criatividade e construir o raciocínio infantil.

Um aniversário no Lar é possibilidade construtivista, se os pais permitirem à criança participar intensamente.

A criança pode pintar ou desenhar os convites; mesmo que não fiquem uniformes como os comprados, o valor é muito maior, porque é produto da utilização dos recursos mentais do educando. As que já sabem escrever podem criar uma pequena mensagem.

As crianças podem ajudar a pensar como serão o bolo, os doces; como planejá-los e fazê-los. Noção de tempo, espaço, quantidade, nutrição, economia, planejamento com início, meio e fim das tarefas permitirão aos educandos a dilatação mental.

A lista dos convidados, a manufatura de pequenas lembranças e a arrumação da casa mostrarão, também, que só nos desenvolvemos em equipes; a união faz a força.

Um lanche para receber os amiguinhos também é possibilidade de desenvolvimento do homem integral. Bater um bolo, auxiliar a mãe batendo as claras, passar manteiga no sanduíche, inventar sanduíches, criar menus, tirar fotografias e depois organizá-las no álbum, tudo isso permite a organização do pensamento e a valorização da família e dos amigos.

Organizar teatrinhos, inventar diálogos, inventar histórias, fazer um jornalzinho no bairro ou no prédio de apartamentos; pegar o ônibus com um grupo de amigos e ir a um museu ou um Shopping, são atividades produtivas na formação do indivíduo.

Os pais precisam conversar muito e muito com os filhos, conversas alegres, esclarecedoras, de amigos e irmãos. Os laços de amor se solidificam.

Se a realização das tarefas é resultado da maturidade, elas auxiliam o indivíduo a um desenvolvimento maior.

Arrumar a mala para uma viagem; saber que roupa levar, ajudar a escolher o lugar aonde vai passar as férias; entender a possibilidade de ir ou não a um determinado lugar e compreender as possibilidades econômicas da família fazem parte do amadurecimento do indivíduo.

Hoje, a educação é, às vezes, deseducação, bitolação, impedimento ao desenvolvimento.

A escola, que é um capítulo à parte, é considerada a única responsável pela educação dos filhos. Pais cansados, preocupados apenas com a sobrevivência e não com a vivência, esquecem que os filhos são muito mais do que vegetais e animais irracionais e de que as crianças precisam de amor e não apenas de alimento e da informação conseguida nas escolas. Precisam de formação, de exemplificação, da família e de tempo para a brincadeira; o lazer, as brincadeiras, educam.

Alguns pensam que vão fazer dos seus filhos superprofissionais e os massacram com cursos e cursos. Não sobra tempo para pensar, criar, organizar o pensamento. É uma maratona que vai criar filhos cansados, desanimados, estressados.

O caminho do meio é o correto. Todo excesso é prejudicial. Necessário é respeitar a infância da criança como a fase importante para a adaptação ao mundo e à sociedade. Criança amada, respeitada, criativa,

provavelmente será um indivíduo que ama, que auxilia a sociedade, que produz, que cresce, que faz crescer.

Tarefas construtivistas são aquelas que desenvolvem o ser na capacidade de fazer; de compreender o que se faz; de usar os recursos utilizados em uma tarefa, para facilitar a realização de outras tarefas.

Preocupando-nos, apenas, com a criação de indivíduos relativamente informados, instruídos, mas não formados, não plenamente desenvolvidos na compreensão da finalidade da existência, continuaremos a construir uma sociedade carente, desajustada, na qual cada elemento tenta viver, apenas, para ele mesmo; o egoísmo, o orgulho, a incompreensão da dignidade e a indestrutibilidade continuarão com a violência, o crime, as crianças de rua, o desemprego, a dor.

O comodismo dos pais tem dado péssimos resultados. É preciso mudar, entender que a tarefa mais importante deles é criar homens de bem, capazes de amar o próximo como a si mesmos; precisam, então, estender esse amor a si próprios, na compreensão do nosso futuro luminoso...

9

A importância da disciplina e do amor

Muitos pais consideram a disciplina, a estimulação racional, e as exigências normais para com as crianças desnecessárias para o seu desenvolvimento.

Vamos lembrar alguns casos do livro do Dr. Oliver Saks, para entendermos que funcionamos em equipes e dependemos uns dos outros para o nosso desenvolvimento completo. Lembremos, primeiro, o caso que deu nome ao livro: "O homem que confundiu a sua mulher com um chapéu."

O homem chega ao consultório do neurologista, super confuso. De repente, o seu mundo parece que virou do avesso e ele perde vários referenciais; confunde aquilo que está à sua volta, mistura imagens, tenta compreender um quadro que se apresenta retalhado, está confuso, completamente diferente da realidade a qual se acostumara.

Esse indivíduo apresenta o que os neurologistas chamam de agnosia visual. Olha e não vê, enxerga e não discerne.

O homem olha fotos da família e não reconhece de quem são; sempre que encontra dentes grandes e um

maxilar saliente, pensa que está diante da foto de seu irmão.

O que permite a esse indivíduo sobreviver com dignidade são alguns fatores importantes.

O trabalho, sentir-se amado e respeitado, o bom senso de humor na aceitação das suas dificuldades.

O trabalho: ele é músico e professor de música. A harmonia na arte lhe permite transcender as dificuldades e encontrar uma bússola segura para o seu mundo interior; se o exterior está um caos, o interior conserva a serenidade. Continua a trabalhar, expõe, com propriedade, o que aprendeu, através do estudo e da experiência; é respeitado, mesmo quando parece um excêntrico, um ET deslocado em um mundo que não é seu.

Um indivíduo sem tanta riqueza interior estaria perdido em meio a sua agnosia.

O amor: o professor de música ama e é amado pela esposa e pelos alunos. A esposa é a rocha preciosa que o ampara nos momentos difíceis. É o seu apoio, a compreensão, o auxílio; mas ele também representa tudo isso para ela.

O bom humor; o professor consegue rir de si mesmo nas horas difíceis. Aceita as suas dificuldades, lutando, serenamente, para superá-las.

Onde encontra ele força para suportar as dificuldades?

José Herculano Pires nos lembra, nos seus vários livros, a importância de implantarmos dentro de nós "O Reino de Deus", que se expressa no desenvolvimento da força interior, das possibilidades luminosas, através da sintonia com os melhores pensamentos, com as melhores

mentes físicas e extrafísicas, que se projetam na Terra.

Esse ser humano maravilhoso, o professor de música, encontrou a serenidade e a implantou em seu coração; esse indivíduo especial não ficou amargo, nem revoltado, quando a adversidade chegou à sua casa na forma de uma disfunção neurológica. Enfrentou a doença com a classe daqueles que erguem a cabeça do barro da Terra e conseguem enxergar estrelas, mesmo em noites muito escuras e cheias de nuvens.

Para analisarmos melhor a extraordinária capacidade de enfrentar dificuldades desse professor, vamos recordar o dia no qual ele confundiu a sua mulher com um chapéu.

Esse professor de música vai conversar com o seu neurologista, o Dr. Sacks, e, ao entrar com a esposa, coloca o chapéu em um porta-chapéu que havia no consultório. Depois de explicar os seus problemas, despede-se do médico e procura o chapéu; julga encontrá-lo no rosto de sua mulher e tenta colocá-lo na sua cabeça; confunde a cabeça de sua mulher com um chapéu.

Outro indivíduo, menos preparado, teria ficado louco. Outra esposa, menos amorosa, teria abandonado esse ser que agora é muito diferente nas suas expressões de vivência no mundo.

Que casal especial! Como Daniel Colleman, desejamos que todos os seres humanos se expressem com essa força.

Como conseguir formar indivíduos fortes emocionalmente, capazes de manter a serenidade em meio às dificuldades inimagináveis?

Criando esses indivíduos dentro do respeito que fazem por merecer.

Trabalhando a educação, para a extinção do orgulho e

do egoísmo na face da Terra. Se o professor fosse um egoísta, não estaria mergulhado na sua dor, tão fechado, reclamando a sua confusão e chorando por suas dificuldades, que afastariam do seu convívio todos os que pudessem auxiliá-lo. Se a mulher desse professor fosse egoísta, não suportaria esse homem diferente e o teria abandonado. Se os alunos pensassem só em si mesmos, teriam abandonado as aulas de música, não suportando as dificuldades de captação da realidade exterior pelo grande professor.

Cada um dos indivíduos, envolvidos de uma forma ou de outra na agnosia do professor, agnosia que se exprime, exatamente, pela incapacidade de ver e compreender a realidade, foi capaz de dar mais importância à essência do que à forma exterior, de enxergar no outro os verdadeiros valores de considerar o professor por sua luminosidade interior, pela capacidade que ele sempre demonstrou de usar com propriedade a linguagem universal do Amor.

Mas como conseguiremos isso com nossas crianças?

Amando-as, respeitando-as, disciplinando-as, exemplificando a arte de bem-viver, utilizando os recursos apresentados pelo grande Mestre Jesus de Nazaré, para educar na expressão real do termo, para desenvolver potencialidades.

O trabalho será realizado, suavemente, pelos reencarnantes, dentro das possibilidades e limites de cada um. Arrumar a cama, fazer um suco, auxiliar na cozinha, receber os amigos da família, estudar, brincar com alegria, participar de O Evangelho no Lar, ir à Evangelização da Casa Espírita; estes são os estímulos necessários ao pleno desenvolvimento do ser humano.

10

Problemas de aprendizagem

É grande o número de crianças e adolescentes com dificuldades para redigir, resolver problemas e conseguir exprimir-se com criatividade.

Decoradores exímios, passarão nos vestibulares, mas levarão uma vidinha morna, na incapacidade dos vãos mais altos do pensamento.

Não foram preparados para pensar, analisar, criar.

Das escolas da periferia chega um grande número de crianças e jovens lesados, psiquicamente, por uma sociedade cruel e injusta; pessoas que não conseguem ler ou lêem mal e não interpretam o que leram. A promoção automática é um crime, pois as possibilidades de aprendizagem dos indivíduos não permitem que os educandos refaçam a fase malcompreendida. É proibido repetir de ano ainda que não saiba nada. Resultado: jovens condenados ao desemprego, a subempregos, incapazes de competir com a classe privilegiada economicamente, também malpreparada, mas apta e com oportunidades para que decore o que lhe possibilite a perpetuação da cúpula da sociedade.

Escolas, profissionalmente, preparam jovens, para

trabalharem em computadores, mas os erros ortográficos não são trabalhados. Transformam-se em profissionais pouco capazes, porque ficaram sujeitos à indiferença de uma sociedade que os marginalizou pelo simples fato de terem nascido pobres, malformados intelectual e, às vezes, até moralmente.

Mas, entre os privilegiados economicamente falando, surgem os malformados intelectual e moralmente, porque apenas a escola não dá preparação para viver bem, com dignidade e com possibilidade de criar um mundo inteiro rico e confortável.

O problema só será sanado com uma melhor preparação dos pais e educadores e uma reflexão sobre os objetivos desejáveis para um aprimoramento social, para a construção de uma sociedade, na qual cada um cumpra os seus deveres e lute por seus direitos à luz da Razão, sem violência e sem armas.

Em muitas escolas, inicia-se a alfabetização no jardim de infância, pelo desejo de impressionar os pais, não atendendo às necessidades dos pequenos de aprenderem brincando, de esperarem a maturidade, a conservação da quantidade, o desenvolvimento da lateralidade, o discernimento das formas, para só, então, ensinarem a ler e escrever.

A matemática é apresentada do mesmo modo, não permitindo a compreensão, mas uma decoração ineficaz.

O desenvolvimento da leitura e escrita depende do amadurecimento do indivíduo, para que ele goste de ler e escrever.

À medida que os grandes educadores como Pestalozzi, Piaget, Emilia Ferreiro, Paulo Freire e outros forem mais

bem compreendidos, outros serão o funcionamento das escolas e o comportamento dos pais educadores.

A criança constrói o seu conhecimento, através dos brinquedos e das brincadeiras, alguns dos quais atravessam os séculos.

Pular, jogar peteca, subir em árvores e construir os seus brinquedos com sucata são experiências indispensáveis.

Professores inespertos, mal-informados, indiferentes, incapazes, iniciam a alfabetização em períodos inadequados ao desenvolvimento infantil, e o resultado tortura o indivíduo que não gosta de ler, que odeia livros, que tem dificuldade de pensar...

Ou mudamos a escola ou o homem do futuro será um robô inexpressivo...

A criança precisa trabalhar, observar o mundo a sua volta, a Natureza, enxergando "com olhos de ver", as formas.

Os círculos, os quadrados, os triângulos; nas coisas feitas pelo homem as formas geométricas são uma constante: portas, bolas, almofadas, cadeiras, carros, que permitem encontrar os desenhos que possibilitarão, depois de entender o formato das letras. Empinar uma pipa no céu muito azul ou cinza, propicia experiências magníficas às crianças: desenvolvimento espacial, sensibilidade para com a beleza das cores, certeza da confiança em suas possibilidades de controlar o corpo e os objetos a sua volta, domínio das emoções, sociabilidade etc...

O educando deve mexer na terra, plantar e colher, mesmo em pequenos vasos. Entender a transformação da semente em planta.

Visitar os bichos em seu hábitat, e se for impossível, pelo menos no zoológico.

Acariciar pequenos animais.

É vivendo que o indivíduo desenvolve, plenamente, o seu arsenal cerebral, o seu sistema nervoso, a sua capacidade de agir de forma mais racional.

Criança amada, respeitada em suas necessidades, desenvolverá as várias inteligências, o cognitivo, o emocional, o equilíbrio, a capacidade de viver bem e com alegria.

A corda, usada em campeonato, para pular, para formar desenhos no chão; o pião, enrolado no barbante, atirado ao chão em círculos de tamanhos variados auxiliam na formação de imagens mentais que facilitam a aprendizagem.

Construir castelos na areia, casas e homens com argila, túneis com peças de madeira auxiliam no desenvolvimento das células especializadas na captação da realidade exterior.

Se no jardim e no pré o educando for bem trabalhado com alegria, sem ansiedade e cobranças absurdas, cumprirá as etapas necessárias ao seu desenvolvimento; chegando o momento certo, dentro do seu ritmo, causará aos pais e educadores surpresas muito agradáveis. E será, pelos anos em que viver, um ser mais feliz, responsável e criativo.

Assim como uma árvore só dá frutos no momento certo, o educando só produz, quando bem preparado; preparo que não se exprime pela possibilidade de decorar letras, sílabas, palavras, mas na compreensão da finalidade do existir e do compartilhar com o outro a experiência máxima que é viver...

Só o amor educa de forma a transformar o ser em um indivíduo que se expressa no fermento que leveda a massa.

11

Educação dos animais e dos homens

A Lei do Amor já brilha no reino dos animais irracionais. Pesquisas realizadas com macacos resus deixaram isso bem evidente; os cientistas viram a confirmação do: "Só o amor constrói". Fizeram a seguinte experiência: separaram os macacos de suas mães assim que nasceram e colocaram para alimentá-los mães artificiais que alimentavam os pequenos. Os macacos cresceram e pareciam muito bem. Mais tarde, revelaram como haviam sido lesados; os traumas insuperáveis que sofreram devido a falta da mãe ou de alguém que a substituísse. Apresentavam-se incapazes de estabelecer um relacionamento mais intenso com os seus semelhantes. As macaquinhas foram inseminadas, mas quando os filhos nasceram, não demonstraram interesse algum pelos bebês. Os macacos criados sem amor alternavam períodos de agressividade e de apatia. Não conseguiam o comportamento normal dos seres que caminham assessorados pelos instintos. Até entre os macacos a presença de uma mãe amorosa é indispensável.

A outra experiência consistiu em separar animais, já com algumas semanas, das suas mães. Os macacos

andavam cabisbaixos, deprimidos; quando trouxeram as mães de volta os pequenos animais voltaram a um comportamento normal; aos poucos ficaram mais seguros; mães e filhos, porém não se desgrudavam, temendo nova separação.

Pesquisadores verificaram que os bebês de algumas tribos da África apresentavam um desenvolvimento maior do que o apresentado pelos bebês europeus. Como os bebês ficavam amarrados às costas das mães, a ligação mais intensa e a possibilidade de ouvir o coração da mãe os auxiliavam no desenvolvimento neurológico: infelizmente, aos três anos, eram afastados das mães e entregues para as avós; o desenvolvimento entrava em atraso, intensificado pela péssima alimentação

Fizeram outra experiência com bebês: colocaram no berçário o som produzido pelo coração de um indivíduo calmo; os bebês dormiram tranquilos. Quando a gravação foi trocada por uma que trazia os sons de um coração atormentado, os bebês entraram em desespero. Eis a importância de emitirmos pensamentos melhores, de educarmos as nossas emoções. Isto aparece aí com intensidade.

Refletindo sobre o assunto, entendemos a necessidade de educarmos, através do amor, se quisermos formar homens de bem como o apresentado pelo *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Mas o que seria um homem de bem?

O homem de bem caminha dentro da Lei do Amor, de Justiça e Caridade. Jamais se desespera, porque possui fé em Deus e em si mesmo. "Ama o próximo como a ti mesmo", como aconselhou Jesus.

E quem é o meu próximo?

A parábola do Bom Samaritano nos explica quem é o nosso próximo. A maturidade e o desenvolvimento da capacidade de amar fazem com que compreendamos que, só formando indivíduos voltados para a prática do amor, podemos mostrar-lhes o caminho da felicidade.

A menina atormentada

Madalena Freire narra uma história que vamos interpretar, para compreendermos a necessidade do amor para com nossas crianças:

"Era uma vez uma menina que nasceu em uma favela, sendo sua mãe mulher de extrema humildade e muito necessitada. Um dia, a mãe ficou sabendo de um trabalho realizado por Madalena e resolveu dar uma olhada para verificar o que ali era feito.

Madalena trabalhava com as crianças, quando viu uma menina estranha parada na porta. Verificou que os olhos da menina estavam escuros, vazios, poços profundos e abandonados. Nunca Madalena vira olhos assim. Levou um pedaço de massinha para a menina e ela atirou ao chão. Madalena continuou a levar a massa e a menina a jogar ao chão. Um dia, a menina notou a doçura nos olhos de Madalena e disse:

-Você sabe que minha mãe me jogou no lixo, quando nasci?

E então os olhos profundos se encheram de desespero.

Meses se passaram até que a menina começou a olhar sem ódio o mundo à sua volta.

Como sofreu a pobre menina! Quanta dor poderia ser evitada, se a mãe a recebesse com amor."

Maternidade hoje é uma opção. Que sejam mães e pais, apenas, os que estiverem afins e relativamente equilibrados para acolherem as gerações mais jovens.

Os animais irracionais sabem receber com zelo a sua cria...

Uma menina chamada Luciana

Era uma vez uma menina linda, loira e inteligente, chamada Luciana. Mas essa menina era fechada, falava pouco de sua vida particular aos seus pais. Porém era amorosa e muito namoradeira. Por amor, resolveu tomar a pílula anticoncepcional para evitar uma gravidez. Consultou uma especialista e iniciou a ingestão do medicamento. Começou a sentir fortes dores de cabeça, mas a especialista disse que era normal. Luciana teve uma trombose cerebral e hoje está tetraplégica e muda. Os pais quase morreram de susto: pensavam que a sua doce filhinha era virgem. Felizmente, Luciana era um espírito especial e conseguiu o reequilíbrio para suportar tanto sofrimento. Hoje navega pela Internet, está noiva e vai casar com um moço que a ama muito. No seu livro *Sem Asas ao Amanhecer*, Luciana conta a sua história. Reflitamos sobre a importância do diálogo entre pais e filhos. Muitas vezes, conhecemos, superficialmente, nossos filhos. Não conseguimos enxergar

a dor que transmitem nos olhos. Às vezes, entre vários filhos um é difícil e torna-se necessário orar, para pedirmos recursos, e assim encontrarmos um entendimento. Outra seria a história de Luciana se ela, vítima de um erro médico, não tivesse a força interior para achar caminhos alternativos e continuar integrada nesse mundo louco que criamos.

Luciana reencontrou, ainda, um Espírito que devia amá-la há muito e reiniciaram, apesar das dificuldades, uma vida a dois que só pode fortificá-los.

A força da menina veio do amor da família, desses elementos especiais, pai, mãe e irmão que formaram um campo elétrico-magnético luminoso que amparou o Espírito de Luciana, permitindo a lucidez perante tanto sofrimento. Hoje, a menina sorri; amanhã, talvez até fale. Mas, atualmente, já expressa os seus pensamentos via computador e ilumina o mundo com o seu exemplo, humor e capacidade de superar provas difíceis. Que exemplo de esforço essa menina nos dá! Sem a família amorosa teria sucumbido. A família deve ser o núcleo de formação de elementos indutores ao progresso.

No momento atual, jovens do chamado primeiro mundo sucumbem, cometem suicídio, não resistindo ao enfrentarem dificuldades. Necessário é formarmos indivíduos especiais, capazes de enfrentar grandes e pequenas dificuldades na compreensão de que experiências fáceis ou difíceis são oportunidades de desenvolvimento e de potencialidades.

Na nova Era que se aproxima, o Reino de Deus estará em cada Espírito, permitindo que a felicidade esteja em todos os corações. Uma juventude amorosa lutará para a extinção do egoísmo, do orgulho, dos males que impedem o homem de ser feliz...

12

O encontro

Estaria o casal destinado, infalivelmente, um ao outro?

As grandes linhas da vida, os caminhos maiores são, em geral, planejados no mundo espiritual. Mas esse planejamento pode mudar sempre que um dos envolvidos no compromisso espiritual julgar necessário.

Muitas vezes, um casal combinou um reencontro na Terra. Os dois vieram, como diz *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, preparados para a vitória. Um não utiliza a sua força de vontade para vencer e volta aos condicionamentos do passado. O homem apresenta-se como alcoólatra, ou usa droga, ou é um mulherengo, ou não gosta de trabalhar. O companheiro ou companheira em esforço de evolução pode deixar o compromisso para uma outra vez. Na pergunta, Kardec diz:

-Mas, então, podemos mudar as nossas provas?

E os Espíritos respondem:

-Só o desleixado permanece no mesmo ponto.

Seria correto casar, escolhendo para pais ou mães de nossos filhos um indivíduo em profundo desequilíbrio que não se esforça para melhorar? Claro que não temos esses direito. O cônjuge não é, apenas, o nosso amado ou amada, mas é também o responsável

pelos filhos que vierem. Tem que sacrificar desejos, caprichos, em favor de um Lar relativamente equilibrado para os reencarnantes. É melhor chorarmos um mês do que a vida toda ainda acompanhados pelos reencarnantes que aportaram ao nosso Lar. Se, porém, o indivíduo escolher o caminho de espinhos, que não culpe Deus, o passado ou a necessidade de evoluir. Evolui-se trabalhando, constituindo um Lar relativamente ajustado, auxiliando o próximo que também está em esforço de evolução.

Vamos imaginar um reencontro de almas irmãs, de dois indivíduos que realmente se amam. Respeitam-se, não existem o ciúme doentio, a desconfiança, o desejo de anular o parceiro. Olhos nos olhos, mãos entrelaçadas, sentem o coração envolto em um calor suave, gostoso, o fruto das trocas energéticas de almas afins. Em geral, atravessam a vida unidos, fortificando-se para a vitória espiritual. Encontrá-los é sempre uma alegria. Formam um Lar onde o Amor é uma constante. Auxiliam-se na solução dos problemas difíceis; amparam os que necessitam; são felizes, estendendo a todos o seu laço de amor. Às vezes, discordam, mas conseguem sempre achar um ponto comum. Recebem, às vezes, reencarnantes infelizes, que são ligados a eles pelos laços do amor ou da necessidade.

Esses casais ainda são raros no Planeta Terra, mas irão aumentando, à medida que o planeta evolui, até que sejam a força maior da Terra.

O Espiritismo lembra que estes são os casais constituídos pelo amor real, são os casamentos por amor.

Alguns casais vivem relativamente bem, porque um dos cônjuges se anula, renuncia a todos os direitos e assume todos os deveres. Enquanto um tenta crescer, o outro permanece como criança mimada, parado, em êxtase, “esperando a morte chegar”. Até seria válido se os dois não precisassem evoluir. Não podemos perder tempo precioso, nem deixar de auxiliar os nossos queridos, para que entendam a importância do Tempo. Abandoná-los à cólera, aos vícios, ao egoísmo, sem tentar acordá-los é uma forma de imperfeição espiritual: “Eu evoluo, ele que fique do mesmo jeito.”

São os casamentos de provação, que muitas vezes podem ser avaliados com os recursos da Casa Espírita. O Evangelho no Lar, a desobsessão, o diálogo calmo e esclarecedor auxiliam a despertar o cônjuge necessitado. O Plano Espiritual Superior, os Espíritos familiares e amigos ajudam o cônjuge mais equilibrado a receber as intuições que lhe permitem ajudar o irmão doente a se educar. Não dizer algo, não “doutrinar”, sempre que possível, é omissão. Isso vale para os filhos difíceis, parentes complicados. Esperar a hora certa, orar, preparar-se, espiritualmente, para, em seguida, agir com amor, energia e inteligência, para fazer daquele Lar um lugar de paz, civilidade, respeito. Os anjos da guarda dos reencarnantes agradecerão.

No livro *Libertação*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, o instrutor lembra a André Luiz a importância da educação dispensada aos reencarnantes. Educar é desenvolver perfectibilidades, potencialidades.

Muitas vezes, um dos cônjuges, por vários fatores entre os quais complexos de culpa, vai cedendo em tudo

até que um dia não agüenta mais e abandona o barco, incapaz de suportar o monstro que ajudou a criar nessa encarnação. Não somos escravos do passado; temos um passado que é atenuado ou extinto em nossas lembranças, para podermos evoluir. Se, pelo fato de agirmos na outra encarnação, omitirmo-nos de auxiliar os companheiros a crescerem espiritualmente, erraremos novamente.

Alguns casamentos são difíceis: os casais vão se lapidando exatamente como dois diamantes de imenso valor. Através do diálogo, das conversas sérias, o casal vai aprendendo "A arte de bem viver". Os supostos laços de ódio se desfazem à luz da compreensão. Essa é a finalidade da Reencarnação: permitir o desenvolvimento de toda a equipe familiar.

Um filme italiano, muito divertido, apesar do humor negro, mostra os problemas difíceis de relacionamento familiar. O nome é sugestivo: *Parente Serpente*. Mas essa falta de compreensão e amor mostrada no filme não pode existir em famílias cristãs. Ou começamos a entender e praticar Jesus e Kardec ou vamos retornar em piores condições.

Yvonne Pereira, em um dos seus livros, fala dos problemas terríveis que criou para ela mesma por falta de equilíbrio emocional. Conta de suas dificuldades ao reencarnar, sem os Espíritos com os quais tinha afinidade. Que não abandonemos nossos irmãos em nome de uma evolução egoísta que seria involução, se isso existisse.

AMAR É EDUCAR! É esclarecer, é usar a energia exemplificada por Jesus. Amar é se preocupar com a família e lutar para ajudar o indivíduo amado a aproveitar bem a encarnação...

13

A necessidade de ser bom

O indivíduo necessita se expressar em bondade, para sentir-se confortável no mundo no qual se exprime. No tempo e no espaço, através dos vários reinos de desenvolvimentos percorridos, o ser expressa-se na sua bondade e no auxílio aos mais fracos da sua espécie. O desejo de transcendência faz parte do psiquismo do ser na Terra. O excesso, porém, a vontade de se manifestar na perfeição geram as neuroses. É preciso ter cuidado ao educar. No livro: *O grande amigo de Deus*, Taylor Caldwell imagina um Saulo atormentado pelo desejo de perfeição. Adolescente, diz Taylor, Saulo envolve-se, amorosamente, com uma mulher que só depois descobre ser casada. Então, entra em um processo de desequilíbrio que o impede de ser relativamente feliz. Como o jovem apresentado por Dostoiewski em *Crime e Castigo*, Saulo mergulha no inferno interior e sofre terrivelmente. Mas o personagem de *Crime e Castigo* cometera um crime, enquanto Saulo expressara-se, apenas, em um deslize juvenil. O que leva um indivíduo a exigir uma conduta inadequada ao seu desenvolvimento moral?

Na apresentação de Taylor, o pai de Saulo era um

hebreu magnífico, filósofo compreensivo para com as pequenas falhas humanas. À luz da Reencarnação, Saulo desenvolvera, através de várias experiências, uma inflexibilidade que o fazia sofrer muito, que, mais tarde, o levaria a perseguir e matar irmãos que seguiam Jesus de Nazaré.

Taylor descreve com muita propriedade o tormento de uma alma exigente e imatura, que se perde no desejo de dominar as paixões inferiores.

Emmanuel nos apresenta no seu excelente *Paulo e Estevão*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, um Saulo também inflexível e profundamente infeliz. Saulo não consegue compreender a possibilidade de hebreus homenagearem Deus, através dos caminhos apresentados por Jesus de Nazaré. Não perdoa as diferenças individuais no campo religioso. Abandona a mulher amada, porque descobre que apedrejara e matara o seu irmão. É um louco, desejando a santidade, enquanto se comporta como um desequilibrado cruel. Só vê um caminho, aquele que ele desenhara. Exige que todos se coloquem dentro do molde que imagina o ideal para uma expressão ética. Não consegue perdoar-se as próprias fraquezas de Espírito em evolução e cria as fraquezas das almas inflexíveis. Ao encontrar Jesus, inicia uma visão, que se amplia, uma compreensão às palavras do seu professor Gamaliel: Cada um tem o direito de homenagear Deus como desejar, dentro do respeito e do amor ao próximo. O desenvolvimento dessa "habilidade" é indispensável à nossa saúde espiritual. Lutando para nos expressarmos em luzes, necessitamos da caridade para com nossas imperfeições tão bem

apresentadas pelo *O Evangelho Segundo o Espiritismo* em um capítulo lindo, "Caridade para com os criminosos". Se erramos no passado, hoje estamos na melhor hora para acertarmos e caminharmos em direção à Luz.

Saulo e Paulo

Saulo está mergulhado em profundo desequilíbrio; tortura os seus irmãos, mata e fere em nome do seu Deus. Parte para Damasco, para impor a sua compreensão de Deus a ferro e fogo, e encontra Jesus.

Na presença de Jesus, sente que ele é o Messias tão aguardado e inicia uma nova vida. As qualidades espirituais existentes em Saulo continuam em Paulo, nome que adotou para mostrar que se transformara em um novo homem. A lealdade para com Deus, a retidão no cumprimento do dever, a vontade de ser bom e justo estão brilhando no novo Saulo, agora chamado Paulo. A inflexibilidade deixou de existir. Firme é verdade, mas com amor e compreensão. Serve ao próximo com toda a sua força interior. Compreende, consola, perdoa; faz ao outro o que deseja que o outro lhe faça. Em uma única encarnação, consegue uma maravilhosa mudança interior. A partir do momento em que pergunta:

-Senhor, o que queres que eu faça?

Coloca-se a serviço do irmão mais velho, Jesus, compreendendo a grandeza desse Espírito ímpar e passando a servi-lo. O grande educador, Jesus de Nazaré, educa o grande Espírito na compreensão da caridade.

Paulo apresenta o conceito da caridade como só os grandes missionários podem fazer. Nada vale, nada adianta, explica Paulo, se não nos expressarmos no Amor exemplificado por Jesus.

O expositor que brilhava na sinagoga fica calado até sentir que o seu coração pode amar. Ama, serve, consola, explica e exemplifica os ensinamentos de Jesus. Seus erros haviam sido enormes, mas a sua capacidade de amar os supera.

Paulo consegue compreender como nenhum outro indivíduo o *ama o próximo como a ti mesmo*. Consegue suportar suas pequenas imperfeições trabalhando para superá-las.

Jesus convidou-nos a amar o próximo como a nós mesmos e a fazermos ao outro o que desejamos que o outro nos faça. Que os pais meditem sobre como gostariam de ser educados, para educarem seus filhos, dentro dos preceitos de amor apresentados pelo Messias Vitorioso, Jesus...

14

Família consangüínea e espiritual

No horizonte primitivo, o indivíduo amava o clã, a tribo. Tudo era de todos: não havia crianças abandonadas, desemprego, violência de irmão para irmão. No mundo civilizado, o egoísmo e o orgulho caminham de mãos dadas, criando dores insuportáveis e dispensáveis.

No clã, eles amavam independentes do sangue; todos eram irmãos. Entre os civilizados nem mesmo o sangue é respeitado.

Jesus e outros irmãos mais velhos nos convidaram a amarmos o próximo independente dos laços consangüíneos. Se somos todos irmãos, se Deus é o Pai comum, realmente formamos uma família única que precisa considerar-se como tal. O interesse maior é o bem-comum, o conforto de todos, a educação dos mais jovens e a consideração para com os mais velhos.

A convivência diária e as ligações do passado fazem com que nos habituemos a amar os que conosco convivem; em alguns casos, vários fatores, entre os quais, também, mas não apenas, o passado influi, provocam desavenças que surgem na presente encarnação ou que afloram de outras vivências. Mas a família consangüínea ama ou

trabalha, para se amar ou para viver de forma "civilizada"; nem sempre isso é conseguido.

Já em relação ao próximo mais distante, não existindo os laços convencionais, o problema complica. O próximo necessitado é abandonado, desprezado, perseguido, lesado. Se o próximo consegue cativar a nossa simpatia, passa a ser amigo e, muitas vezes, é mais amado até do que aqueles que possuem o mesmo sangue. São mais facilmente amados os poderosos, os considerados importantes pelo status social ou econômico, os bem-vestidos, bem-casados, bem-situados na pirâmide social que criamos, na base da qual estão os desfavorecidos.

A família do século 21, século que está aí, tem a tarefa de criar uma geração mais arejada, flexível, esclarecida, que entenda que realmente somos todos irmãos. O sangue é sumamente importante como matéria-prima indispensável à sobrevivência do Espírito no corpo físico, mas não caracteriza a capacidade de amar; o tempo de convivência é fator importante, mas o tempo de uma encarnação nada é perante o tempo real da expressão que é a existência do ser.

15

As crianças são o futuro

Os pais provavelmente, farão a grande viagem antes dos filhos. É necessário torná-los independentes, integrados à sociedade, preparados para continuarem a sua caminhada com tranquilidade.

O egoísmo faz com que muitos pais estimulem a submissão nos filhos, a incapacidade de resolverem os seus problemas sozinhos. Algumas vezes, os pais lutam para conseguirem a independência dos filhos, mas vários problemas, reencarnatórios, inclusive, impedem que as crianças e jovens consigam o seu desenvolvimento pleno.

Os pais precisam permanecer atentos, para identificarem os processos de desequilíbrio nos filhos, auxiliando-os com os recursos da “horizontal” e da “vertical”, para libertá-los dos problemas. Não dispensamos o tratamento médico, psiquiátrico, psicológico, pedagógico e, sobretudo, o espiritual, para que o indivíduo consiga a expressão necessária ao desenvolvimento das suas potencialidades.

Para ilustrar melhor o que escrevemos, vamos relembrar histórias reais de indivíduos que estão com várias dificuldades na possibilidade da conquista da paz interior.

Mônica

A menina foi rejeitada pela mãe que já possuía dois filhos e não queria mais nenhum. A Ciência Oficial prova que Mônica sentiu no útero a não-aceitação de sua mãe e a indiferença de seu pai. Nasceu muito miúda e chorona. A mãe contratou uma babá e entregou a menina para a estranha. A moça realizava todas as tarefas com propriedade, mas sem amor.

O bebê estava sempre impecável, limpo, bem-vestido, bem-alimentado; tecnicamente falando, a babá era ótima; faltava, porém, o principal: AMOR.

Aos cinco anos, Mônica era uma menina antipática, melancólica e indiferente para com todos. Foi para a escola, onde logo criou antipatia em relação à sua pessoa. Não conseguia fazer amigos, não conseguia ficar interessada nos desenhos e brincadeiras que encantavam as outras crianças.

A mãe demonstrava, claramente, que amava os dois meninos, mas não suportava Mônica. O pai agia da mesma forma. Mônica começou a afastar-se da vida. Continuou desinteressada pelas lições e pelos colegas.

Na adolescência continuou isolada e difícil; queria fazer amigos, mas não conseguia. Desejava melhorar na escola e parecia impossível. Considerava-se incapaz, desagradável, indesejável; transformou-se em uma mocinha insuportável.

Aos dezoito anos, encontrou uma professora bondosa que a orientou para comparecer a uma Casa Espiritualista. Por sorte, encontrou uma Casa na qual alguns indivíduos

especiais estavam aprendendo a entender Jesus. Perceberam por trás da antipatia de Mônica a necessidade de ser amada. A jovem foi orientada a passar por um tratamento espiritual. Encontrou alguns jovens que a aceitaram, embora com reservas. Começou a participar de um grupo e, pela primeira vez, sentiu-se uma no meio de um grupo que a amparava. Iniciou, também, uma terapia com uma psicóloga e uma mudança começou a ocorrer lentamente, Mônica melhorou muito, mas ainda traz as seqüelas do desamor que enfrentou na infância e juventude. Uma mágoa a afasta da família que não a amou ou compreendeu. Com dificuldade, está reconstruindo a auto-imagem positiva e a certeza de que todos somos especiais, dignos de amor e de respeito. Conseguiu alguns amigos; tem medo de amar e ser rejeitada. Por causa da família, Mônica vai enfrentar problemas indispensáveis, que teriam sido evitados, se os pais, que vieram preparados para a vitória, auxiliassem Mônica em suas necessidades básicas: amar e ser amada, ser respeitada, para conseguir se expressar no respeito ao próximo. Uma encarnação que se tornou difícil, por causa do egoísmo do grupo familiar.

Mônica luta para resolver seus conflitos, suas inseguranças. Como a vida seria mais fácil se entendêssemos que "é necessário fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam..." Apenas isso: tratar os nossos filhos com o respeito e amor que desejamos para nós...

Murilo

Ainda no útero materno, Murilo começou a sentir a rejeição da mãe. Ela não o aceitava de maneira alguma: egoísta, achava que ele viera para atrapalhar; deformara o seu corpo e perturbava o seu sucesso profissional. A revolta criou dificuldades para o feto, e os problemas aumentaram: desejava abortar e só não tentou de forma mais eficiente com medo de complicações físicas. Mas inúmeras vezes expulsou Murilo pelo pensamento. Ordenava a ele que saísse do seu corpo, e ele retrucava, telepaticamente, que não sairia.

Foi uma guerra mental. Sete meses se passaram, e o feto não resistiu às agressões da mãe e nasceu. Os problemas continuaram. A mãe continuava criança mimada, incapaz de doar amor e dedicação ao seu pequeno rebento. Tentou empurrar Murilo para as avós, mas elas não aceitaram. O pai foi embora por não suportar o egoísmo e as agressões daquela mulher estranha, e Murilo ficou só.

O seu desenvolvimento foi realizado em creches, nas quais, infelizmente, não conseguia aceitar o amor que lhe era oferecido, pois estava muito magoado com o desamor que o deixara doente.

Repetiu vários anos escolares, que ainda mais enfurecia a mãe; esta ainda não era capaz e dizia em alto e bom som que filhos só servem para dar trabalho.

Aos doze anos, Murilo iniciou a sua dependência com drogas; aos dezoito foi internado em uma clínica especializada, e, assim, começou a procurar a cura. A

luta continuou, com períodos de internação e outros fora do hospital. Agora, iniciou, também, o tratamento espiritual. A mãe continua mergulhada nela mesma, incapaz de amar. É a nossa Mônica da outra historinha.

Vibremos para que Murilo, que foi como diz *O Livro dos Espíritos*, preparado para a vitória, consiga atingi-la; que Mônica entenda a importância da maternidade. E o pai? Ele vai ser o próprio juiz, quando amadurecer mais.

Quantos problemas poderiam ser evitados, através de atitudes maduras e realmente civilizadas...

16

Casos ocorridos durante o Evangelho no Lar

A mãe desorganizada não tem dia certo para fazer o Evangelho no Lar. O pai não está interessado, porque não compreende, ainda, que a prece, a leitura e a reflexão sobre o Evangelho são as únicas "armas" que fortificam o Indivíduo, para que ele sobreviva sadio e espiritualmente no mundo difícil que criamos. As crianças ouvindo "contra" nos exemplos dos pais tentam sempre fugir à prática do Evangelho no Lar.

A mãe escolheu, exatamente, a hora da novela para a realização da prece e leitura das palavras de Jesus.

A improvisação e o despreparo de todos transformam um encontro de alegria em uma guerra familiar. Querem assistir à novela. Dizem que estão cansados, porque estudaram demais. A mãe grita, os filhos retrucam em voz alta, o pai reclama de tudo e todos e não há mais condição espiritual para a prece, ainda que conseguissem realizá-la.

O Lar de Vera

A realização do Evangelho ocorre sempre aos domingos, às dezoito horas, dia e horário escolhidos por todos os membros da família. O hábito já foi criado e todos vão sentando, alegremente, em volta da mesa. Luis, que está com sete anos, pede para fazer a prece inicial e a faz com propriedade.

Laura, com doze anos, lê o capítulo do livro aberto ao acaso, depois da prece, e todos comentam o que foi lido.

A hora é de união, de bons pensamentos e de encarnados e desencarnados, felizes, pela oportunidade de refletirem sobre os ensinamentos do Mestre de Nazaré.

A pequena reunião é encerrada na hora certa, mas os membros da família permanecem conversando ao redor da mesa. Hora depois, Júnior, quinze anos, lembra que precisam dormir para acordar cedo no dia seguinte. Todos vão felizes para a cama e, durante o sono, continuam no clima harmonioso o que permite o auxílio do Plano Espiritual Superior. Acordam renovados, prontos para mais uma semana de trabalho. Durante a semana, comparecem à Casa Espírita para o estudo e a prática do Amor nos trabalhos assistenciais da Casa.

Magia? Claro que não; produto de organização, coerência, responsabilidade...

Até que as brigas nos destruam

Paola e Mário estão casados há dez anos. Desenvolveram já no namoro, o hábito ridículo de se agredirem verbalmente. Por qualquer motivo e sem motivo algum iniciam tolas e agressivas discussões. Paola chama o marido de burro, incompetente, e ele a brinda com adjetivos igualmente desagradáveis que completa com um terrível chavão: - "E se não fosse por mim você estaria na sarjeta que é onde aquele cara casado, que você namorava, a teria lançado." O jogo de ofensas costumeiras continua por um bom tempo. Gastas as energias, dormem, e no dia seguinte parece que nada aconteceu. O filho está com oito anos e começa, também, a comunicação, através de palavras ofensivas. Na escola agride verbal e fisicamente os colegas o que provoca mais briga entre os pais desequilibrados. A avó tenta conduzi-los a um local de oração, mas não é ouvida. Dez anos se passam entre "tapas e beijos". Um dia a agressão termina em terrível briga e resolvem se separar. O filho, agora, é um garoto com dezoito anos e a vida destroçada; julgou encontrar nas drogas o consolo para a sua tristeza.

De quem é a responsabilidade?

O *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, nos lembra que todos viemos preparados para a vitória; muitas vezes, quais mal-educados, desequilibrados emocionalmente, conseguem atrapalhar e até impedir a vitória dos seus filhos.

A prática do Evangelho no Lar, o comparecimento à Casa Espírita, o auxílio da desobsessão, o "ama o próximo como a ti mesmo" poderiam ter mudado o final dessa triste história. Poderiam ter construído a felicidade desejada...

17

Preparação entre os chimpanzés

Darwin e Kardec dão as mãos na compreensão do desenvolvimento do indivíduo na Terra, através dos vários reinos da Natureza.

A bióloga Jane viveu oito anos entre os chimpanzés e conclui que existe entre eles uma união de esforços que os torna mais felizes. Os rudimentos do raciocínio aparecem dirigidos pelos instintos, o caminho nobre que leva o indivíduo a agir, ainda que em nível de inconsciência, dentro do “ama o próximo como a ti mesmo...”

Jane mudou-se para perto de uma comunidade de chimpanzés.

Inteligente e intuitiva, verificou que eles temem o desconhecido e o homem; eram chimpanzés que “conheciam o terrível bicho-homem”. Jane permaneceu algum tempo deitada de bruços, diante da comunidade, para que os chimpanzés percebessem que viera em paz. Cheirada, analisada, foi finalmente aceita pela comunidade.

Jane começou, como um verdadeiro ser humano, a fazer as suas “artes”; colocou um pequeno chimpanzé morto e empalhado entre os novos amigos.

Um silêncio desceu sobre a comunidade. Finalmente, uma chimpanzé, carregando um filho nos braços, aproximou-se para “estudar” o que acontecia com aquele elemento ali colocado. Cheirou o empalhado, “estudou-o”, sacudiu a cabeça como faria qualquer ser humano e produziu ruídos, como que avisando a comunidade que o pequeno animal estava morto. Então, um véu de tristeza envolve todos os chimpanzés. O silêncio continua, o que é raríssimo entre esses animais. Só quando a pesquisadora retirou o morto, a vida voltou ao normal.

O desconhecido assusta os chimpanzés, tanto quanto os Seres Humanos...

Notamos a importância da preparação espírita para que o indivíduo compreenda a morte como uma mudança de dimensão.

Observando as várias famílias de chimpanzés, a bióloga ficou encantada com um casal amoroso, pais de um macho e uma fêmeazinha encantadores. Viviam felizes, quando, num triste dia, a mãe fica doente. Um momento para reflexão: o que essa fêmea havia feito de errado para adoecer? Só existe erro, quando o ser pode discernir o certo do errado. A doença surge por “defeitos da matéria”, as plantas adoecem e morrem; os animais também. O homem equilibrado está apto a dominar a matéria e, conseqüentemente, a equilibrar o seu corpo físico; em geral, o desequilibramos.

A mãe chimpanzé morre, e o pai entra em depressão; não come, não brinca, fica muito triste; também adoece e morre.

Os dois filhos entram também em processo de

desequilíbrio. Imediatamente são “adotados” por um casal de chimpanzés. Sem discussões, sem problemas, encontram um novo lar, onde conseguem o reequilíbrio necessário para continuarem a vida... Quanto temos que aprender com os nossos irmãos chimpanzés!

Não existem entre eles crianças abandonadas...

Os ensinamentos continuam: Jane observa que seu chimpanzé tem comida e divide com todos; o alimento de um é de todos. O chefe distribui os alimentos, dentro da “hierarquia”, fruto das necessidades dos seres; crianças, mulheres, casados, solteiros. Algumas vezes, o alimento acaba antes que seja distribuído a todos; errar é humano, ou melhor dizendo, é animal... Imediatamente, um chimpanzé que recebeu o alimento o divide com o irmão que não o recebeu. Quanto temos que aprender com os nossos irmãos chimpanzés!

Jane ainda verificou que, mais importante do que o alimento, é o “aperto de mão” que o chefe dá ao distribuir o alimento. O chefe como que diz a cada irmão: “você não está só, conte comigo no que precisar.” Mesmo quando o alimento havia acabado, os chimpanzés continuavam a se apresentar ao chefe, para receber aquela prova de afeto.

Lendo as experiências de Jane, eu pensava como deturpamos o gesto de carinho dos chimpanzés. Entre os humanos, os racionais, o aperto de mão não significa apoio, mas expressa, para alguns, vários interesses. Apertam mais fortemente as mãos dos considerados poderosos. Nem sequer esbarram nas mãos dos deserdados da sorte. Quanto temos que aprender com os nossos irmãos chimpanzés!

À família, no momento atual, principalmente a família espírita, cabe a tarefa de contribuir para uma mudança social, na transformação da sociedade doente, injusta, que criamos, em uma sociedade de paz e amor. Nessa nova sociedade o alimento de um é o de todos, o filho de um é o de todos. Como nos reinos dos irracionais, agora, em termos de inteligência, a fraternidade e o amor são a Lei...

18

Cristianismo e Espiritismo

Lembrando *A Gênese* (Kardec), no início, a Terra era uma bola de fogo; os elementos estavam em fusão. Aos poucos, o Planeta foi esfriando. O tempo passou e cada elemento foi assumindo o seu lugar.

O Planeta estava quase coberto por mares e aí tem início a expressão da vida. Nos mares quentes os seres começam as suas experiências que lhes possibilitariam o desenvolvimento pleno.

André Luiz explica-nos no seu livro: *Evolução em Dois Mundos*, psicografia de Francisco Candido Xavier, o aparecimento de indivíduos unicelulares para, mais tarde, complicarem o seu veículo físico de expressão, conseqüência do maior desenvolvimento mental.

Analisando essa fase de desenvolvimento, verificamos que há uma indução, para que o ser seja treinado para o amor. Pelo instinto, o indivíduo é condicionado a “amar” o próximo.

Na escala orgânica do livro *A Gênese*, o desenvolvimento do ser de formas inferiores até o homem é mostrado com propriedade. Séculos se passam até que o indivíduo entre no reino hominal.

Entre os primitivos, o homem, ainda dominado pelos instintos, ama o próximo; o clã, a tribo são mais importantes do que os laços de sangue; respeitam-se, amam-se, dividem o alimento.

Llukeshi, no seu livro: *Mito e Vida dos Caiapós*, explica como os índios apresentam um comportamento voltado para o respeito ao semelhante. As crianças são educadas, ouvindo histórias interessantes como a do índio que descobriu que a mulher o traía com o seu melhor amigo; o índio mata o amigo, mas a sua vida também acaba, porque ele não consegue paz, por mais que lave as mãos, elas estão cobertas de sangue.

Outra história é a do velho que, durante o ano, vai guardando presentes que depois distribui para os conhecidos; seria equivalente à lenda do Papai Noel.

Orlando Vilas Boas fala sobre o respeito e a compreensão da criança entre os índios. Lembra festas especiais, nas quais eles entram em contato com os ascendentes que consultam sobre os vários problemas da tribo.

No tempo e no espaço o ser vai, ainda que pelo instinto, sendo preparado para uma vida melhor.

Essa conscientização se faz através de alegorias.

Adão estava no Paraíso profundamente infeliz, deseja uma companhia; possuía tudo e nada, porque estava só, e Deus cria Eva da costela de Adão; acaba a solidão. Inserido na lei do amor, ele agora ama e é amado e mesmo expulso do Paraíso tem uma finalidade na vida, uma família, indivíduos que permitem a realização da troca energética necessária ao crescimento do ser.

A arte de viver desenvolve-se através das experiências realizadas nas várias encarnações.

Outra seria a história do homem, na Terra, se ele, durante o crescimento, aproveitasse os ensinamentos que vertem da Natureza e se expressasse na Lei do Amor.

O mais interessante é que a Lei está gravada no homem como assinatura luminosa do Pai na criatura. Somos criaturas divinas, indivíduos especiais, Inteligências e Moral do Universo. Viemos da Luz, como lembra meu pai Herculano, vivemos mergulhados na Luz e nosso destino é a "angelitude".

Perdemo-nos tantas vezes nas sombras. "Desligamo-nos de Deus", da Luz, como explica *O Livro dos Espíritos*.

Para nos religar ao Pai, irmãos mais velhos trazem, novamente, a arte de bem-viver. A arte dentro da qual nos expressávamos com propriedade nos vários reinos percorridos.

Entre as abelhas, a expressão era de renúncia, serviço ao próximo, divisão de alimentos, "amor".

A abelha rainha passa uma vida servindo aos semelhantes, permitindo a continuação da espécie, botando, humildemente, os seus ovos; ela o é por competência.

As obreiras dedicam-se ao bem-estar de todos, saindo até para fora da colméia e ficando expostas ao frio, quando o calor excessivo coloca em perigo a vida dos pequenos bebês-abelhas. Quando é necessário refrescar o ambiente, colocam-se como ventiladores naturais, batendo, incansavelmente, as pequenas asas até que a temperatura fique agradável.

Entre os golfinhos a Lei de Amor também impera; um golfinho ameaçado por um tubarão produz um som que atrai os irmãos golfinhos a quilômetros de distância; unidos,

vencem o tubarão. Jamais um golfinho abandona um irmão em sofrimento.

Entre os pingüins, o macho choca o ovo depois que a fêmea bota e enfrenta a maior nevasca; ainda assim jamais abandonado a sua tarefa. Quando a temperatura cai demais, eles unem-se uns aos outros, permitindo que o calor indispensável à sobrevivência da cria, não lhes falte.

Entrando no Reino Hominal, o indivíduo se expressa no livre-arbítrio que o permite agir até de forma incorreta, porque a partir de então ele vai agir com conhecimento de causa; vai criar o seu conhecimento, como diria Piaget. Está preparado para agir de forma correta. As paixões, que tinham a finalidade de permitir que sobrevivesse em um mundo que não é o dele (somos seres espirituais), devem ser controladas pela Razão, como explica *O Livro dos Espíritos* – Livro III – As Leis Morais no item "Das Paixões" Cap. XII – Perfeição Moral. Infelizmente, como escreve Kardec, assessorado pelo Espírito da Verdade, nesse mesmo livro, o homem não só não controla as suas paixões como as degenera. Transforma a agressividade necessária à sobrevivência em crueldade; mata, lesa, fere, sem necessidade alguma. Cria um mundo difícil, no qual irmão prejudica irmão. Permite as injustiças sociais, que, como explica *O Livro dos Espíritos*, não são leis naturais, mas consequência do orgulho e do egoísmo do homem. O homem entra em encarnações dolorosas, para que aprenda que só nos amando uns aos outros seremos felizes; que a lesão provocada em qualquer ser gera desequilíbrio que o atinge e prejudica, que cada um

colhe o que semeou, que devemos semear flores e não espinhos, para sermos felizes.

A Inteligência Suprema do Universo, Deus, permite que irmãos mais velhos reencarnem na Terra, para orientarem os irmãos menores, para ensinarem a arte de bem-viver esquecida por um grande número de crianças espirituais. Sócrates, Confúcio, Buda e tantos outros vieram trazer a Verdade. Muitas vezes, até apreciávamos a teoria, mas na hora da prática o orgulho e o egoísmo nos levavam a agir de forma contrária à aprendida, através das experiências vividas. Entre esses queridos irmãos, que nos vieram convidar a levantar a cabeça do barro da Terra, para olharmos as estrelas e compreendemos que como criaturas dignas, luminosas, fomos criados, para exemplificar essa Lei. Uma estrela radiante veio à Terra, um raio poderoso a iluminou e continua entre nós no seu trabalho de libertar o nosso Planeta da dor. No corpo físico libertou paralíticos, cegos, desajustados de toda a sorte. Curava, graças ao pensamento poderoso; induzia ao progresso, porque a sua vibração especial de amor fazia aflorar o que cada um possuía de melhor dentro de si. Foi o maior filósofo de todos os tempos, trazendo a arte de bem-viver numa forma simples, através de histórias facilmente compreendidas. Porém, o mais importante foi que viveu o que pregava; não foi um teórico, mas um homem de ação. À luz da parapsicologia foi o maior paranormal de todos os tempos. A *Gênese* diz que tudo o que ele fez foi por ele mesmo, graças ao desenvolvimento do seu Espírito que possibilitou a formação de um perispírito da mais alta qualidade, com as partículas mais puras do ambiente espiritual da Terra; lendo o capítulo desse livro A

Gênese, (Kardec), "Jesus, milagres e profecias", entendemos a importância da vinda desse irmão mais velho à Terra; veio para nos religar à Lei do Amor, para nos mostrar quão especiais somos, para nos convidar a desenvolvermos as nossas potencialidades. Veio para que criássemos um mundo de Paz, Justiça e Amor. Veio para implantar o Reino de Deus em todos os corações.

"Não compreendemos Jesus", diz Bezerra de Menezes, no livro: *Bezerra, Chico e você*, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Não compreendemos porque não praticamos. Aprendizagem expressa-se em mudança de comportamento, diz Piaget, ainda não amamos ao próximo como a nós mesmos. Mas já melhoramos muito.

Jesus vivenciou a Verdade e a explicou a todos nós.

Lembrou a morte como apenas uma viagem. A reencarnação, como Lei Natural. A necessidade de confiarmos em nós mesmos, "deuses e luzes", como ele dizia. Explicou que, se agíssemos contrariando a Lei do Amor, criaríamos dificuldades que nos impediriam a felicidade. Falou sobre o umbral inferior, local criado pela emissão mental dos que estão entregues ao orgulho e egoísmo. Convidou-nos a tecermos uma veste de luz, a "couraça da fé e da caridade", apresentada pelo apóstolo Paulo, "couraça" que possibilitará a nossa projeção nas dimensões melhores, a entrada no banquete da "parábola do festim de núpcias", narrada por Jesus.

Dois mil anos depois da grande sementeira tentada antes por vários irmãos, as sementes especiais lançadas por Jesus começam a germinar. O querido irmão sabia

que teríamos dificuldades em compreendê-lo e disse que nos enviaria o Consolador, que nós o entenderíamos. Num processo natural, o Espiritismo veio como continuação dos ensinamentos de Jesus, da necessidade de colocarmos os pingos nos "is", como diz Kardec. A Verdade é a mesma, ou não seria Verdade; a incompreensão foi nossa. Léon Dennis nos lembra que a Verdade sempre veio à Terra, apareceu como uma gota de luz que, entrando em contato com os homens, mistura-se ao barro da Terra, aos interesses egoístas, e perde parte da sua beleza e, às vezes, fica irreconhecível. Mas, se nós é que impedimos o brilho da Verdade, não vale entrarmos em erro maior tentando negá-la. Como deturpamos os ensinamentos de Jesus, como não compreendemos o irmão mais velho, alguns julgaram por bem arrancar Jesus do Espiritismo; tiraram a prece, os vários capítulos que falam sobre Jesus e criaram o espiritismo ateu.

Ainda que Jesus não fosse considerado como líder religioso, seria o maior filósofo, sociólogo, psicólogo, educador que veio à Terra. Seria tão absurdo ignorá-lo como ignorar o papel de Rousseau, de Descartes, de Buda, de todos os homens que, realmente ergueram a candeia sobre o candeeiro e bem alto, para que ela nos ajudasse a encontrar o caminho certo para a felicidade.

Negar que o Espiritismo é a Verdade apresentada por Jesus é negar o processo histórico, é negar a validade da Codificação realizada por Kardec, é desconhecer *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Nos livros básicos a ligação aparece com clareza.

Nos livros de Herculano Pires o processo da reapresentação da Verdade fica bem evidente. Os horizontes culturais se sucedem, e o processo natural de desenvolvimento da raça humana atinge o ápice no horizonte espiritual que se inicia com Jesus e continua até nossos dias.

A Verdade é a mesma apresentada por Jesus e hoje explicada à luz do desenvolvimento científico. O convite é feito como lembra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, quando diz que os Espíritas são os últimos convidados para o comparecimento à festa de núpcias; mas só entrarão os que estiverem vestidos com dignidade, expressando-se na compreensão de que "é necessário amar ao próximo como a si mesmo..." para ser feliz, para viver bem, para ser a centelha divina, a estrela radiante, a fonte de luz que somos.

O Livro dos Espíritos apresenta Jesus como modelo de homem ideal. Ele veio à Terra, para que conseguíssemos a expressão de desenvolvimento completo das luzes, das quais somos dotados. Essa Verdade é tão luminosa que nos ofusca se não utilizarmos a razão e nos impede de nos compreendermos na extensão do nosso destino maior:

"Sois deuses, sois luzes... sois o sal da Terra... a Luz do mundo..."

"Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, nada será impossível."

"Podeis fazer o que eu faço e muito mais..."

O Espiritismo, como a síntese do processo do conhecimento, traz o resultado do pensamento de todos os irmãos maiores que vieram à Terra ou que nos auxiliam no mundo espiritual. O convite é hoje feito, através da

Ciência Oficial. A finalidade da educação é fazer o homem feliz, considerando a felicidade como a árvore dourada do poeta que "sempre está onde nós a colocamos, mas nunca a colocamos onde nós estamos". Jesus veio ensinar a colocá-la, alegoricamente falando, em nossos corações; o Espiritismo refaz o convite. Como diz Kardec, na introdução de *A Gênese*, o Espiritismo não veio trazer nada novo, só rerepresentar a Verdade, porque, agora, mais maduros, podemos entendê-la melhor.

19

A opção pelos pobres

Há uma preocupação, até certo ponto justa, com os pobres, no que diz respeito a valores econômicos. Alguns irmãos espiritualistas estão preocupados com os que nada possuem (do ponto de vista econômico). Pensam nos que não possuem dinheiro. Mas serão pobres, apenas, os que não possuem riquezas materiais? Não são terrivelmente pobres os que não desenvolveram o potencial na compreensão da arte de bem-viver? Não são igualmente necessitados os que não se amam, os mergulhados nas drogas, nos grandes palacetes, vivendo de forma improdutiva, os anulados por terríveis depressões, os que estão deitados em camas luxuosas, perdendo horas preciosas, olhando o tempo passar, incapazes de se interessarem por algo útil? Como desconhecer o grande número de indivíduos improdutivos, estéreis na capacidade de auxiliar o próximo, figueiras secas que não produzem frutos, embora seus cofres estejam abarrotados de dólares e possuam mansões luxuosas em várias partes do mundo!

Continuaremos com o pensamento terrível e preconceituoso, desenvolvido no capitalismo selvagem, de que o dinheiro exclui o indivíduo de qualquer necessidade existencial? Continuaremos a considerar, apenas, o homem de carne e as necessidades e desejos desse ser, achando

que o pobre é sempre o necessitado e esquecendo que todo ser humano merece e precisa de amor, valorização, educação (não apenas escola), visão correta de si mesmo e do mundo?

Preocupados, apenas, com os marginalizados, os deserdados e revoltados que se entregam ao banditismo, apoiando só o desequilibrado, esquecemos os ricos e pobres de bens materiais e espirituais que sofrem no nosso querido e ainda necessitado Planeta.

José Herculano Pires, meu pai, lembra no seu livro *O Reino*, que não entrarão no Reino dos Céus o rico de bens materiais, egoísta e improdutivo e o pobre, igualmente egoísta e improdutivo. São figueiras secas semelhantes ao rico, que só vive para ele mesmo e sua pequena família, e ao pobre que age da mesma forma. Esquecer o sofrimento dos pais que perderam um filho assassinado por um pobre revoltado é injustiça tão grande quanto a que se comete penalizando um pobre de forma monstruosa pelo roubo de um pão. Pobre ou rico, todo indivíduo que mata, lesa, fere o seu irmão, precisa ser educado, afastado da sociedade, quando necessário, para conseguir atenuar ou vencer os seus desequilíbrios.

Uma posição radical não se resolve com outra posição radical. Não podemos desculpar o juiz que roubou os cofres públicos, bem como não podemos deixar passar em branco, afagando a cabeça do pobre que matou alguém em um assalto. O crime é sempre um erro contra o próximo, o qual exige correção.

Os livros espíritas falam de ricos e pobres corrigidos, educados da mesma forma, pois a finalidade da existência é o desenvolvimento das luzes interiores; luz, harmonia,

disciplina, capacidade de viver em meio aos semelhantes, só surgem, através de educação especial que se faz, através da conscientização de nossa origem luminosa, nossa origem divina, e nosso futuro de "anjos".

O Espirita, que se deixa envolver pela visão materialista e imediatista da opção injusta e incoerente dos pobres infratores da lei, esquece que ser pobre ou rico é um momento existencial, mas ser digno e produtivo independe da condição econômica.

O Espiritismo faz a sua grande opção pelo ser humano; pela valorização do ser humano, pela compreensão da necessidade de permitirmos a qualquer indivíduo o acesso ao estudo, ao crescimento espiritual, pela compreensão do que somos e para que viemos à Terra.

No *Programa Livre*, do SBT, acompanhei a queixa de um pai que perdeu seu filho assassinado, e viu o indivíduo que matou seu filho amparado pelos direitos humanos; ele e a mulher chorando sozinhos, sem ninguém para apoiá-los. Que mundo terrível estamos criando? Como em nosso lar, todo aquele que fere ou lesa deve ser corrigido com amor e muita disciplina! E o lesado precisa de apoio, assistência espiritual, amor, para conseguir suportar o momento terrível que atravessa.

Será que a dor dos bons e equilibrados é menor que a dor dos revoltados e criminosos? O indivíduo que desenvolveu a sensibilidade e caminha entre os bons, é incapaz de magoar e ferir, não merece consolo e atenção? Novamente não entenderemos Jesus no convite a amarmos o próximo como a nós mesmos?

Quem é o nosso próximo? Só os que praticam o mal precisam de apoio? Os que trabalham arduamente, vivendo

uma vida de exemplificação e amor, devem ser abandonados?

Outrora, só considerávamos os ricos de bens materiais, cheios de complexos de culpa, estéreis, vamos agora só amar os desajustados, os que contrariam a Lei de Deus e a lei dos homens?

Nesse novo milênio estamos aptos a agir com mais equilíbrio, respeitando o ser humano, pobre ou rico, bonito ou feio, inteligente ou com dificuldades intelectuais, independentemente de seu status social ou econômico; exigimos de todos o respeito ao semelhante. O rico ou o pobre que deixar de fazê-lo, deve passar pela terapia educacional de que necessita, para que consiga a expressão de luzes que possui em seu interior.

Muitas vezes, como lemos nos livros espíritas e verificamos o mundo a nossa volta, o indivíduo necessita do remédio amargo, para conseguir a harmonia interior. Omissão nunca foi amor. Erra o pai que passa a mão na cabeça do filho que magoou o irmão. Erra a sociedade que, apenas, passa a mão na cabeça do filho que matou o irmão. Faz parte da Lei do Amor que o mais forte ampare o mais fraco. Amparar é corrigir.

Só educando os elementos da sociedade, fazendo com que compreendam a necessidade do amor ao próximo e do "fazer ao outro o que desejamos para nós mesmos", iniciaremos a construção de um mundo melhor, sonhado por todos nós...

Como lembra Herculano: o rico que nada faz em favor do próximo não entrará no Reino dos Céus. O pobre revoltado e egoísta também não entrará no Reino dos Céus...

20

Educando as emoções

Analisando o mundo atual, verificamos que, ao lado de um magnífico progresso tecnológico, há escassez do desenvolvimento moral, do amor ao próximo.

Criamos um mundo difícil, e os grandes problemas são frutos do orgulho e do egoísmo

Não nos conscientizamos que somos, como diria Herbert Spencer, um grande organismo social. Cada indivíduo é uma célula que depende das outras para sobreviver. Tentando viver isoladamente, causamos o grande desequilíbrio e os problemas aí estão: desemprego, injustiça, corrupção, drogas; só educando o ser para o "dar as mãos", poderemos mudar a vida no Planeta Terra; assim pode, a felicidade, nos preencher a vida.

Durante muito tempo, julgamos que seríamos felizes desenvolvendo, apenas, a inteligência; mas, como lembra Daniel Golleman, de nada vale desenvolver o QI (coeficiente de inteligência), esquecendo o QE (coeficiente espiritual/emotivo); de nada vale desenvolver a inteligência, esquecendo-se de educar as emoções.

Para a expressão harmônica na Terra o indivíduo precisa agir à luz da Razão, iluminar-se no referencial, exemplificado por Jesus de Nazaré.

Como educar crianças, aproveitando ao máximo o seu potencial?

É necessário que recebam, além do alimento físico, o espiritual.

O psicólogo Daniel Golleman nos explica isso. Antes dele, inúmeros irmãos convocavam a compreensão de que somos muito mais do que um corpo físico. Somos espíritos, centelhas divinas, gotas de luz. Mas para desenvolvermos nossas potencialidades luminosas precisamos amar e respeitar o próximo.

Somos donos do nosso destino construído por nós, através das várias encarnações. Kardec ouviu dos Espíritos a resposta de que podemos mudar as nossas provas, as nossas dificuldades, "porque só o desleixado permanece no mesmo ponto". No item "Fatalidade", no livro "Leis Morais", em *O Livro dos Espíritos*, o chamamento é claro:

"Fatal só o nascimento e a morte..." Justificar erros atuais, colocando a culpa no "Karma negativo", é esquecer Jesus:

Podeis fazer o que eu faço e muito mais... Sois deuses, sois luzes... Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda nada vos será impossível..."

No capítulo "Alarques anacrônicos", Golleman lembra a importância dos impulsos vividos, das experiências do passado da atual encarnação. Coleman entenderia melhor o problema, considerando as várias encarnações.

André Luiz lembra no seu livro *Evolução em Dois Mundos*, no capítulo "Equilíbrios e desequilíbrios da mente", como conseguimos a harmonia, através do controle das emoções ou como "implodimos" o nosso corpo, quando nos entregamos às paixões.

Kardec, o Mestre de Lyon, lembra no *O Livro dos Espíritos* – “Das Paixões”, que, “as paixões são um cavalo útil se governado e perigoso se desgovernado.”

Como poderíamos formar uma sociedade justa e harmônica não educando os indivíduos, preocupados, apenas, em instruir?

Um exército imenso de brasileiros subnutridos, pouco estimulados, mal-amados, com dificuldade para formar uma auto-imagem positiva, é incapaz de conseguir o desenvolvimento pleno, a iluminação interior e exterior, a implantação do Reino de Deus na Terra.

Não foram estimulados, para aproveitarem o que os neurologistas chamam de “janelas da oportunidade”, que Kardec explica como possibilidade maior de captar a realidade da Terra. Os exemplos melhores são as crianças com mais facilidade até os sete anos, porque a “criança é, então mais moldável.”

Golleman fala, ainda, da importância das amígdalas, duas pequenas amêndoas situadas uma de cada lado do cerebelo. Retiradas, produzem “a cegueira afetiva”. Um rapaz, que retirou as amígdalas, perdeu todo o interesse afetivo pela mãe, amigos, etc.. O Espiritismo explica que, na interação espírito-matéria, lesões no corpo físico complicam a expressão do Espírito.

Encarnados, sofremos a influência do meio ambiente.

A Educação Espírita, conscientizando o indivíduo da sua origem divina, das suas potencialidades luminosas, trabalha a sua auto-imagem positiva; facilita a compreensão de que pode e deve expressar-se na dignidade que lhe é própria.

No livro *Revisão do Cristianismo*, José Herculano Pires diz que não somos filhos do pecado e da dor, mas filhos da luz, de Deus. Esse pensamento impulsiona-nos a agir de forma mais luminosa. Considerando-nos melhores, agiremos dentro da nobreza espiritual que nos é própria.

O desenvolvimento da Ciência tradicional confirma o Espiritismo e exige uma nova postura, também, no campo da Educação. A hora é de educarmos para a felicidade, para a alegria, para o desenvolvimento das perfectibilidades, como diria Kant...

21

Mas, afinal, o que somos?

Os russos descobriram, fascinados, o corpo energético e pararam nele. Para eles o Perispírito é tudo: sede da memória, responsável pelos sentimentos, mais importantes do que o corpo físico.

Nós, Espíritas, sabemos quão importante é o Perispírito, mas compreendemos que somos Espíritos individuais, individualizações do princípio inteligente. O corpo físico e o Perispírito ou corpo energético, ou corpo bioplásmico são os nossos instrumentos de trabalho. Herculano, meu querido pai, lembra que somos uma Razão dominada pela rede do sensório. Somos Espíritos, e a fonte da inteligência e da moral é do Espírito. Somos os conhecedores da Terra e nos servimos desses instrumentos de trabalho para conhecê-la.

No livro *A Gênese*, de Allan Kardec, encontramos:

“Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria... chega-se à conclusão de que o elemento material e o espiritual são os dois elementos constitutivos do Universo.”

Individualizado, o elemento espiritual constitui o Espírito; o elemento “material” constitui os diferentes corpos da Natureza.

Numa choupana ou envergando as vestes de um

camponês um nobre senhor nunca deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é a vestidura da carne que o coloca acima dos brutos e faz dele um ser à parte; é o seu "Espírito."

O que é o corpo energético:

"É um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco inteligente, o Espírito."

O corpo carnal e o Perispírito têm origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria ainda que em estados diferentes.

Aparece bem a importância do Espírito que não é matéria, mas individualização do princípio inteligente.

O Espírito tira o seu Perispírito do meio aonde vai viver. E, na medida em que evolui, o seu Perispírito vai se desmaterializando. Se o indivíduo fosse Perispírito, perderia os seus atributos, diminuiria e não enriqueceria as suas potencialidades. Mas somos uma criação, à parte, de Deus, centelhas divinas, crescemos através das experiências realizadas na Terra ou em mundos, semelhantes, mudamos nosso Perispírito (*A Gênese*) de acordo com a ambiência espiritual do mundo aonde vamos viver.

É claro que possuímos memórias, gravadores, no corpo físico e no Perispírito. Mas são secundários, porque quem pensa, ama, age, é o Espírito.

Nós, Espíritos, somos os conhecedores da Terra, como lembra Herculano. Para conhecermos a realidade à nossa volta, nos valem os nossos instrumentos de trabalho: corpo físico e Perispírito.

Herculano nos lembra que, se na filosofia, em geral, devemos considerar duas posições em relação ao

conhecimento, a Socrática Platônica, que diz que conhecer é obra do Espírito e a Sofística, que diz que é obra do corpo; o Espiritismo resolve o problema explicando que conhecer é obra do Espírito que possui os instrumentos do conhecer: Razão e Sensório.

"Conhecer é um ato de relação: o homem, o conhecedor, coloca-se em relação com alguma coisa, percebe-a e procura identificá-la com os conceitos, as categorias da Razão, que não estão no sensório, mas no Espírito", diz Herculano, com propriedade.

A percepção é faculdade do Espírito e não do corpo físico.

"O homem é um Espírito encarnado, uma Razão prisioneira da rede sensorial, funcionando no mundo, através dessa rede." (Herculano)

Na apresentação do Perispírito, Kardec explica, muito antes do parapsicólogos, que o Espírito extravasa graças ao Perispírito, apresentando, como diria Luisa Rhine, percepções extrasensoriais.

Vemos, percebemos o mundo à nossa volta por percepções conseguidas por outras vias que não dos sentidos físicos.

Levados, apenas, pelos sentidos físicos, temos percepções ilusórias, confundindo as sombras com a realidade.

O grande problema do homem é não aceitar a visão integral de si mesmo; é considerar-se, apenas, como carne, e permitir-se uma mutilação na compreensão da realidade e de si mesmo. Preocupado, apenas, com o desenvolvimento da horizontal, esqueceu a sua necessidade de transcendência; passou a ter um comportamento muitas vezes mais agressivo do que os animais irracionais, tão mergulhados estão no desequilíbrio.

A Verdade, o Espiritismo vai religá-la a Deus, vai harmonizá-la com as luzes do Universo.

A vida na Terra permite:

-dominar circunstância;

-dominar a matéria;

-amadurecer emocionalmente;

-transcender, elevar-se acima da condição em que nasceu.

O *em si* se abre no *para si*, e na morte, há a fusão em si, para si que é algo divino, é a realização do ser.

O homem é um projeto divino, um ser projetado na existência, direcionado para a Luz. Uma flecha que se dirige para um alvo luminoso.

O Existencialismo Espírita consiste na compreensão de que em cada existência atingimos um novo grau de transcendência.

As dificuldades surgem, porque o ser projetado na existência deseja, apenas, a busca de prazeres efêmeros; encontra "a festa do mundo" e a ela se entrega" (Herculano), acorda, porém, atordoado "pela ressaca" da sua indignidade e exige o remédio amargo das encarnações difíceis.

"O Espiritismo, como a ressurreição do Cristianismo, nos mostra a facticidade do homem no mundo." (Herculano)

O homem exige o sofrimento e a dor, para conseguir se libertar da acomodação a situações que nada têm a ver com o seu destino glorioso. O interexistente tenta viver, apenas, como um vivente da terra e dominado pelas paixões. "As energias vitais preponderam sobre as intelectuais." (Herculano)

22

A formação de uma
consciência crítica

Felizmente somos espíritas; a crença na reencarnação tranqüiliza-nos ante os problemas do mundo. O Espiritismo bem compreendido possibilitará a formação de uma sociedade justa. À luz da reencarnação, sabemos que todos terão direito às experiências necessárias ao seu desenvolvimento pleno. Convida-nos a pensar que, quando o mais forte amparar o mais fraco, quando os que possuem capacidade de liderança ficarem interessados pelos deserdados da Terra, um mundo melhor vai surgir. Pobres ou ricos, difíceis ou fáceis, todos terão direito às mesmas oportunidades.

Não podemos tentar desvendar o porquê das facilidades e dificuldades do presente, levantando hipóteses ridículas sobre o passado de cada um.

Nossos educandos precisam compreender as experiências como possibilidade de desenvolvimento interior, de aumento de flexibilidade e agilidade mental. Observando a Natureza, verificamos que dificuldades são constantes nos vários reinos: vegetal, animalidade irracional e hominal.

Os meios de produção devem ser utilizados para o

bem-comum e não como forma de exploração e manipulação das massas mantidas na ignorância.

No Brasil não há falta de alimento; porém má distribuição, ambição, egoísmo. Os alimentos são caros; o processo de produção expressa a injustiça social.

Na tribo, entre os selvagens, no início, a economia era extrativa, o indivíduo recolhia na natureza o que necessitava para sobreviver. Pescava, apanhava frutos, caçava.

Quando o homem descobriu que podia produzir os recursos necessários para sua sobrevivência, quando cercou um pedaço de terra e julgou ser o dono da Terra, os problemas produzidos pelo orgulho e pelo egoísmo aumentaram. O irmão que antes levado pelo instinto, não permitia que o seu próximo sofresse, hoje vira as costas e cuida, apenas, da sua vida. O resultado da indiferença aparece na violência dos deserdados mergulhados nos vícios, no desânimo, na desesperança.

Analisando os modos de produção, verificamos que deveria haver um aprimoramento no sentido de auxiliar o homem da Terra a ter uma vida mais confortável.

O *Livro dos Espíritos* lembra que as diferenças individuais existem e continuarão, porque Deus é infinito na sua capacidade de criação, mas deve desaparecer o sentimento de inferioridade perante as indiferenças. Alguns indivíduos apresentam grande capacidade de liderança, mas utilizá-la para explorar, maltratar, humilhar, evidencia necessidade espiritual e desconhecimento da Lei do Amor. A liderança deve expressar no auxílio aos mais necessitados, na indução ao progresso social, no conceder a todos o indispensável para viver com dignidade.

A introdução da pecuária e da agricultura deveria permitir

uma vida melhor para todos, com tempo para a reflexão, lazer, o "ócio criativo", como diria o filósofo Domenico Masi.

Deveríamos educar, despertando o desejo de "só fazer ao outro o que desejamos que o outro nos faça."

A figura impressionante, justa, corajosa, de Jesus de Nazaré, deve ser apresentada como modelo de homem ideal, como explica *O Livro dos Espíritos*.

Educar é amar no sentido apresentado pelo Mestre Jesus.

Educar é transformar para melhor.

Criamos um mundo tão difícil que, agora, somos convocados a iluminá-lo pelo "ama o próximo como a ti mesmo..."

É a única forma de sermos felizes...

23

Transformando os educandos em “águias”

Leonardo Boff lembra o seu livro *O Despertar da Águia*, a importância de educarmos para o futuro grandioso que nos é próprio.

Recordemos a história:

“Um homem resolveu criar uma águia entre as suas galinhas, fechada entre os muros do seu quintal.

A águia passava os dias catando minhocas no barro da terra, e para ela, a vida se resumia em olhar o barro, comer e dormir. Triste e escura vida para uma águia destinada a voar pelos ares, iluminada pelo sol.

Os olhos brilhantes da águia estavam embaçados pelo barro da terra. As asas poderosas pendiam inúteis semi-atrofiadas.

Um dia, um amigo do camponês foi visitá-lo e viu a bela águia, agindo como se fosse uma tola galinha. Perguntou ao amigo:

-O que você fez para transformar uma poderosa águia em uma tola galinha? Cerceou todas as suas possibilidades luminosas? O único ser capaz de encarar o Sol, de voar tão alto que não conseguimos enxergá-la, e você a transformou em uma galinha que só se expressa em vôos rasantes! É um crime o que você fez!

-Ora! Eu queria ter uma águia no meu quintal e ela está muito feliz assim. Está gorda, não corre riscos e não enfrenta dificuldades. Deixe-a quieta.

-Não! Ela não cresce, não evolui, não se transforma. Permite que eu a transforme numa águia?

-Pode tentar, mas não conseguirá. Ela é, agora, tola e preguiçosa.

O amigo do camponês, durante dias, levava a águia para a montanha, tentando fazê-la voar. A águia tinha medo. Achava que era incapaz de voar.

Felizmente, o homem não desistiu. Tanto fez que um dia conseguiu que a águia levantasse a cabeça do barro e enxergasse o céu azul e o Sol dourado, brilhando sobre ela. A águia ficou encantada. – Que paisagem linda! Gostaria de chegar perto daquele círculo de fogo que via no alto.

Bateu as asas pesadas e conseguiu, apenas, dar um vôo baixo, mas não desistiu. Auxiliada pelo homem, caía e levantava.

Iniciou alguns exercícios para fortalecer as asas: um regime para perder peso, não queria mais ficar ciscando como as galinhas. Desejava mais! Vencer o espaço com as asas que, agora, sabia tão poderosas.

E um dia conseguiu voar! Que maravilha! Sentiu o calor do Sol envolvê-la mais intensamente. Viu suas companheiras realizando um bailado harmonioso no espaço. Sentiu-se plenamente feliz. Como era bom ser águia! Valera o sacrifício do regime e dos exercícios que haviam fortalecido as suas asas! Transcendera a situação de galinha e conscientizara-se de suas possibilidades luminosas!"

Convençamos os nossos educandos de que, são

apenas homens de barro; e eles agem como tais. Eduquemos, para que não permaneçam na imanência, grudados ao barro da terra.

Irmãos mais velhos vieram nos convocar ao desenvolvimento das asas poderosas que nos arrancam do barro da terra. Jesus convidou-nos à transcendência do "Ama o teu próximo como a ti mesmo".

Recusamos a oferta para o crescimento espiritual. Preferimos continuar vivendo mergulhados no egoísmo e no orgulho, centrados em nós mesmos.

Mas a força da Luz, a marca de Deus dentro de nós, o chamamento do irmão Jesus nos obrigam a realizar a grande mudança.

Começamos a entender Jesus, quando ele disse que somos deuses e luzes, e desejamos a expressão da dignidade que nos é própria.

Iniciamos a compreensão de que, ao contrário do que pensávamos, não somos filhos do "pecado e das sombras", mas filhos da Luz. Assim nos mostra Herculano Pires no seu livro *Revisão do Cristianismo*. Somos criaturas divinas, centelhas luminosas...

O novo milênio exige uma postura holística na compreensão do Criador e da criatura.

Através do estudo do Espiritismo, da prática dos seus ensinamentos, conseguiremos a projeção via pensamento, em regiões melhores, nos oásis de Luz que circundam a Terra.

Felizmente, agora desejamos, conscientemente, a transcendência, a "angelitude".

Somos águias, não galinhas.

Essa educação libertadora é a que desejamos para os nossos queridos, a educação espírita...

24

Inflexibilidade mental

César Perri, no seu trabalho apresentado no 11º Congresso Estadual de Espiritismo, em Bauru, SP, explica as necessidades do professor universitário sintetizadas em reunião da Unesco:

- Flexibilidade;
- Criatividade;
- Capacidade de expressão;
- Saber trabalhar em grupo;
- Assumir responsabilidades;
- Entender diferenças culturais...

Mas não são essas as qualidades indispensáveis ao homem dos séculos 20 e 21, e pela Eternidade?

O mal da nossa sociedade, além da falta de desenvolvimento moral, é a falta de criatividade e de flexibilidade mental, entre outras faltas.

Se Jesus não fosse flexível e criativo, não conseguiria realizar a sua tarefa de auxiliar no desenvolvimento do Planeta Terra com tanta prosperidade.

Na inflexibilidade que nos é própria, queremos colocar a vida dentro de um quadrado imutável e exigimos que todos caminhem, rigorosamente, dentro dos moldes que estabelecemos. Não consideramos as diferenças individuais, culturais e evolutivas. Não

aceitamos o fato de que alguns caminham na grama, outros pisam nas pedras e outros procuram atalhos nem sempre adequados. Jesus compreendeu as facilidades e dificuldades de cada um, e nos lembra que não entrarão no Reino dos Céus, alegoricamente falando, os que caminham dentro dos moldes por nós desejados, mas os que se expressarem no Amor.

Tentamos explicar conceitos dentro de preconceitos, convencionando, por exemplo, que toda dificuldade é produto do erro do passado, que a reencarnação só visa à quitação de dívidas. Deus é um cobrador que espera juros altíssimos.

Como explicaremos a beleza e as dificuldades dos ninhais de Mato Grosso? Como, dentro de nossos preconceitos, podemos explicar as dificuldades enfrentadas pelos pequenos pássaros? Entretanto, entendemos as dificuldades enfrentadas por Francisco Cândido Xavier, Irmã Dulce e outros Espíritos formidáveis.

Quantos pássaros dos ninhais do Pantanal morrem atacados por jacarés ou cobras? Ou por problemas que fazem parte da Natureza?

O Deus de muitos é o incoerente de Nietzsche, é o que provoca descrença. Na nossa inflexibilidade mental, cristalizamo-nos no tempo e ainda adoramos o deus criado à nossa imagem e semelhança. Não entendemos o Deus Pai, da Parábola do Filho Pródigo, reapresentado por Kardec na primeira pergunta de *O Livro dos Espíritos*: Inteligência Suprema do Universo, Causa Primeira de todas as coisas.

Não entendemos o capítulo sobre Escolha das Provas, Finalidade da Reencarnação e outros.

José Herculano Pires faz um trabalho belíssimo, auxiliando-nos a compreender o Espiritismo em seus vários livros e, sobretudo, nos livros:

Concepção Existencial de Deus.

O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte.

O Reino

Obsessão, Passe, Doutrinação.

Repetimos preces sem senti-las, porque “é preciso orar”. Repetimos vibrações incoerentes, repetitivas, sem prestar atenção no que fazemos e, sem vibrar amor, jamais terão qualquer efeito produtivo, ou seja, serão inertes. Na desobsessão falamos demais, não lembrando que Kardec explicou que não é pelo muito falar, mas pela emissão de amor que doutrinamos os sofredores.

Continuamos a tentar evoluir, através de práticas exteriores.

Professores, na escola, ainda tentam alfabetizar, através de cópias! O uso de jogos coloridos, música, dança, parece heresia para esses profissionais inflexíveis que consideram a aprendizagem fruto, apenas, do sofrimento.

Alguns “educadores” de Casas Espíritas agem da mesma forma, considerando tudo o que permite a transcendência, de forma pouco usual e agradável, como produto de obsessores. Poesia, música, brincadeiras continuam a ser coisa do “diabo” ou do obsessor, em se tratando de Casas Espíritas, que devem ser mais forte do que Deus para esses “educadores”.

Os educadores do Lar, pais, mães, tios, avós deveriam refletir sobre a inflexibilidade, a incapacidade de trabalharem, harmonicamente, com a equipe familiar, sobre a falta de criatividade, a falta de

compreensão do caminho do meio, para lidar com crianças e jovens.

Pais que castigam, que não aprenderam o valor do diálogo, como fonte de esclarecimento, nem tiveram a possibilidade do equilíbrio que harmoniza a educação; que estressam os seus filhos, esquecidos de que são, apenas, crianças que precisam brincar para aprender.

Pais vacilantes, inseguros ou duros, inflexíveis, não conseguirão educar.

Nossos filhos não são nossos, são cidadãos do Universo.

A Casa Espírita bem-dirigida vai auxiliá-los, através da evangelização e da mocidade espírita, a desenvolverem a plataforma "rabiscada" no plano espiritual, que lhes permitirá alcançar o desenvolvimento do seu potencial.

Para ser feliz é preciso ser flexível, criativo, saber trabalhar em equipe, compreender a existência como possibilidade de transcendência, de superação da animalidade. Ser feliz é saber viver...

25

Obsessor

Mas quem é o obsessor?

Aquele que pensa como nós mesmos e nos atende na realização dos desejos menores? É encarnado ou é, apenas, o desencarnado? É todo-poderoso ou somente um indivíduo fraco, “necessitado de educação e amor”?

Como vamos falar sobre obsessão com os nossos educandos?

O Livro dos Médiuns apresenta um capítulo magnífico sobre a obsessão. Conta até uma historinha, que agrada a todos e faz refletir sobre a Lei de Amor.

Herculano nos apresenta, baseado em Kardec, fatores que possibilitam a obsessão e explica como conseguirmos um estado mental especial, que se expresse em alegria, produtividade, normalidade relativa dos mundos em desenvolvimento.

Os nossos educandos precisam do esclarecimento conseguido nos livros básicos de Kardec, que lhes permitirá a evolução do equilíbrio interior.

André Luiz fala na conquista de um estado de espírito que, fruto do pensamento harmonioso, produz luz e força.

Para transmitirmos aos educandos essa educação, devemos-nos educar primeiro, porque ela é fruto do exemplo.

Nossas crianças e jovens adorarão as histórias do

livro *História do Espiritismo*, de Conan Doyle, que através de fatos reais, explica o poder do pensamento na produção ou não dos fenômenos mediúnicos; o indivíduo que sabe que é forte, ou que pode ser e, portanto, nada teme.

Conan conta que o pensamento plasma e controla, de tal forma, que Eusábia Paladino trabalhava como médium em uma sessão, quando se levantou e tentou produzir um fenômeno mediúnico por ela mesma. Impedida de realizá-lo, e segura pelos pesquisadores, expeliu, por assim dizer, um braço ectoplásmico que tentou alcançar os objetos que seriam levantados pelos espíritos.

Essa capacidade apresentada por Eusábia todos nós possuímos, em grau menor ou maior. Por isso, Jesus disse que podíamos fazer o que ele fez e muito mais.

O obsessor nada mais é do que alguém que pensa como nós, que apresenta as mesmas necessidades, que, apenas, une-se a nós, porque o permitimos. Não temos o que temer dos obsessores, pois só nos atingem, quando abrimos as portas do nosso coração e os convidamos a entrar.

Precisamos analisar com os nossos educandos, sempre, sobre o fato de construirmos o nosso destino conscientes ou inconscientemente, convidando-os a se expressarem no amor e na fé em Deus e neles mesmos, para se tornarem fortes e invulneráveis aos obsessores.

Lembremos que temos pessoas difíceis, encarnadas e desencarnadas, que os Espíritos maiores nos auxiliam no trato com os encarnados, ampara-nos nos relacionamentos com os desencarnados em desequilíbrios, os quais são amparados por nossas preces

e nosso amor e modificados por nosso exemplo.

As crianças educadas na Doutrina Espírita serão mais seguras e confiantes, compreendendo que somos senhores do nosso destino, que temos dentro de nós os recursos necessários para nos libertarmos de nossas inferioridades e daqueles que estão ligados a nós pelos laços do amor ou da essência evolutiva.

Os laços de amor são sempre os mais fortes. Atrás dos supostos ódios, muitas vezes existe um grande amor.

Richet conta a história real de sua empregada Ema. Ela estava noiva e amava muito o futuro marido. Ele vai viajar. Ema está dormindo, quando o vê perto de sua cama; levanta, assustada, pela possibilidade de a patroa o ver dentro do seu quarto. Pergunta por que ele voltou antes da hora e diz que o ama muito, mas ele deve ir embora, caso contrário ela poderá perder o emprego. O noivo sorri, joga um beijo, acena e vai embora. No dia seguinte, Ema, logo cedo, tenta entrar em contato com ele e descobre que o noivo morrera de um ataque cardíaco.

Ema, provavelmente, contaria com aquele amor por toda a eternidade; seria um anjo da guarda para ela.

Se o tivesse lesado, ferido, teria ganhado um obsessivo que ainda poderia transformar-se em um grande amigo, recebendo os pensamentos de perdão de Ema, num diálogo mental que existe entre todos os seres.

26

Reflexões sobre a história de Lina

Margarida telefona-me, reclamando que não consegue controlar os filhos adolescentes.

Convido-a para um café e conversarmos sobre os seus problemas. Lembramos que ela não dizia não para as crianças, quando eram pequenas; faziam o que queriam. Dois meninos e uma menina terríveis. Não auxiliavam em nada em casa. Eram malcriados com as empregadas, que não paravam no emprego.

Margarida e o marido achavam uma beleza; pensavam que criariam indivíduos independentes e empreendedores.

Perguntei se ela fizera ou fazia o Evangelho no Lar; se levava os filhos à Evangelização da Casa Espírita. Todas as respostas foram negativas.

Criara os filhos, mimando-os muito; eles é que davam as ordens.

O que acontecia, agora, era esperado. Como podiam eles ser educados, se ninguém cuidara disso? Como podiam agüentar frustrações, se não foram preparados para tanto?

Deseducados, malpreparados para a vida, exigiam, agora, esforço maior dos pais.

O que fazer?

Iniciar uma reeducação baseada no amor que inclui firmeza.

Começar do princípio.

Quando a dificuldade é na leitura e na escrita, precisamos iniciar com o alfabeto. Agora, o princípio era o diálogo e a apresentação das leis do Lar. Em condições normais, os filhos auxiliariam na elaboração das leis; infelizmente não estavam preparados para fazer isso. Precisaríamos do hábito da disciplina, para discernirem o que é melhor.

Como iniciar na adolescência? É mais difícil, mas não impossível. A "iluminação espiritual", realizada através do Evangelho no Lar, a desobsessão na Casa Espírita, a prece diária e a leitura diária de um pequeno trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, marcariam uma nova fase na vida do reencarnante.

O diálogo firme, mostrando que exigimos dele o melhor, que vamos propiciar o melhor para que ele seja um vencedor na horizontal e vertical.

O reencarnante, sobretudo na adolescência, é um dependente; depende econômica, emocional, física, e espiritualmente dos pais.

Os pais, incapazes de educar os seus filhos, devem ouvir isso até a exaustão. Contavam com a nossa firmeza, para vencerem os problemas do passado e do futuro; o que será deles, se não conseguirmos enxergar o que é melhor para educá-los, através da nossa firmeza amorosa?

A história de Lina

Lina é uma menina bonita, inteligente e terrível; faz tudo o que quer.

Repetiu várias vezes de ano, sempre se negou a comparecer à Evangelização da Casa Espírita e ao Evangelho no Lar. Deixa as suas roupas espalhadas pela casa, fala alto, grita, quando contrariada. Para os menos avisados é um indivíduo com problemas neurológicos. Para nós, que acompanhamos o crescimento de Lina, é uma personalidade difícil, piorada por pais fracos.

A mãe, quando o pai tenta educá-la, começa a chorar e diz, na frente da menina:

-Cuidado, ela vai embora.

O pai temeroso retira-se, e Lina, triunfante, vai para a rua.

Desanimada, a mãe entrou em depressão e o pai passa cada vez mais tempo fora do Lar.

A mãe reza e se pergunta por que Deus permite que ela sofra tanto; pensa que deve ser problema do passado.

O pai, que está envolvido com uma moça, igualmente difícil, também se queixa da vida.

Lina é a mais infeliz. Se em casa faz o que quer, na rua tem dificuldade para encontrar amigos verdadeiros e um namorado que a respeite. Chora, escondida, e reclama da solidão, falta de pais atuantes, sente-se só e infeliz.

Várias vezes pensou em suicídio; chegou perto das drogas, mas, felizmente, amigos espirituais, apoiados nas orações de uma tia que ama a todos, conseguiram evitar que ela entrasse em corredores mais escuros.

E pensar que tudo isso poderia ser evitado!

Os grandes problemas do lar foram criados hoje, aumentados pela incapacidade emocional dos pais de educarem Lina.

A mãe, quando descobriu a traição do marido, ficou mais deprimida e consentiu que a tia querida levasse a pequena Lina à Casa Espírita.

Um processo de reeducação foi iniciado. Entidades necessitadas foram desligadas de Lina, e ela começou a freqüentar a Casa. O processo vai demorar algum tempo. O resultado obtido vai depender da força de cada um, do desejo de viverem de forma mais confortável, da capacidade de permanecerem ligados ao Plano Espiritual Superior.

O pai acabou, definitivamente, ligado a sua aventura; abandonou o Lar e sente-se enganado pela vida que o lançou em uma situação mais difícil do que a anterior. A nova mulher é Lina piorada.

Lina está muito melhor. Mais forte, graças ao auxílio da mãe que está amparada pelo Plano Espiritual; reiniciou os seus estudos e verificou a sua competência de aprender o que deseja. Mais tranqüila e agradável arrumou alguns amigos verdadeiros e inicia uma amizade maior com os pais, pois está aprendendo a amá-los e respeitá-los.

Quantos problemas seriam evitados, se a educação de Lina, já realizada no Plano Espiritual, tivesse continuado na Terra!

27

Saudade de Marina

Tudo estava acabado. O moço forte e bom que fora seu marido morrera, repentinamente, devido a problema grave no coração.

Cheia de calmantes, confusa, cansada, Marina acompanhava o enterro.

Não, o pior não acontecera; era um sonho, um pesadelo; logo acordaria abraçada a Antônio e seria de novo feliz.

Não tinha mais noção do tempo ou do espaço; flutuava num mundo irreal, onde tudo virara sombra. Não sofria muito ainda; estava anestesiada.

Sabia que, quando despertasse para a dura realidade, ficaria louca de dor. Não! Não poderia suportar!

E o despertar doloroso chegou. Solução de dor. Pensou que o seu coração fosse arrebentar e desejou que isso acontecesse.

Debatia-se, gritava, revoltada com Deus, numa demonstração terrível das almas que não desenvolveram a Fé.

Não aceitava a vontade de Deus. Saudade do riso de Antônio, dos seus olhos luminosos, da sua alegria constante.

Sentia o coração varado por uma espada de fogo, a cabeça rodando, a garganta apertada, impedindo a passagem dos alimentos.

Entregou-se ao desequilíbrio e ficou ligada a mentes desequilibradas que aumentavam a sua insanidade.

Onde quer que estivesse, via o rosto do amado e o chamava num brado dolorido. Não admitia a idéia de não vê-lo. Namoravam desde os doze anos; estavam casados há dez e ela não sabia viver sem ele.

No Plano Espiritual era grande o sofrimento de Antônio. A esposa se transformara em terrível obsessivo, chamando-o sem parar.

Aceitara a própria morte. Sentia saudade, mas sabia que a prova fazia parte das experiências necessárias ao crescimento dos dois. Sabia que se tivessem calma, poderiam encontrar-se durante o sono; que poderiam voltar juntos na outra encarnação.

Mas a dor de Marina era muito grande.

Meses e meses se arrastaram, e Marina continuava mergulhada numa saudade doentia. Desejava morrer. O filhinho era agora indiferente para ela. Sua vida acabara no enterro de Antônio. Só o seu corpo continuava na Terra.

Moça mimada, criada sem enfrentar frustrações, sem a apresentação a Jesus numa compreensão mais profunda, não se preparara para as grandes dores da vida. Entre essas dores todos enfrentam, um dia, a dor da saudade dos que realizam a grande viagem para o mundo melhor.

Certo dia, Marina foi convidada para assistir a uma sessão espírita e compareceu.

Houve a comunicação do seu mentor que lhe explicou como prejudicava Antônio e o filho com o comportamento doentio que apresentava, desde a morte do marido. Disse que ela não conseguiria vê-lo nem senti-lo, enquanto

apresentasse o comportamento de menina rebelde. Pensou que era vítima e descobria, agora, que era uma criança malcriada, que não aceitava lições difíceis. Envergonhada, entendeu os estragos que provocara na sua vida e na de Antônio.

Os passes a fortificavam e provocavam reação salutar no seu espírito. Começou a comparecer, semanalmente, às sessões. Participava dos estudos e orava humildemente, para que a auxiliassem a aceitar a lição.

A modificação se iniciou. No mundo espiritual, Antônio também ficou tranqüilo e começou a auxiliá-la. Cuidava com carinho do filho, que era, agora, um lindo menininho; auxiliava os familiares e a todos os que podia ajudar.

Começou a sentir, de novo, a felicidade no seu coração.

O estado especial permitiu encontrar com Antônio, durante o sono, e lembrar em detalhes o que conversaram. Entendeu que a situação era de uma esposa, cujo marido viajara para bem distante, mas continuava presente, vindo visitá-la sempre que possível. Precisava ajudá-lo, sendo forte.

Numa noite em que participava da reunião no Centro Espírita, recebeu uma mensagem de Antônio, psicografada.

Sublime consolo! Doce alegria! Abençoada Doutrina Espírita, que lhe devolveia o marido vivo. A certeza de que continuavam juntos a tornava feliz. Sim, a morte não existia, nem separação; encarnados e desencarnados continuavam se amando e auxiliando.

A saudade era, agora, suave e transformada em oração para o bem de Antônio.

Um dia, estariam novamente berm-unidos. Mas continuavam de mãos dadas, subindo a montanha da evolução...

28

A história de Laura

Aos vinte anos Laura começou a trabalhar como médium e desenvolveu excelente trabalho. Apresentava vários fenômenos mediúnicos, como a possibilidade de materializações, inclusive.

Requisitada, elogiada, endeusada, presenteada, começou, aos poucos, a se envaidecer.

Era convidada para realizar sessões em todos os meios sociais. Menina pobre e humilde que fora, ficava fascinada ao ser convidada para passar semanas em palacetes, fazendas. Viajava por vários países. Todas as portas se abriam para Laura.

Aos trinta anos esquecia que era, apenas, instrumentos dos Espíritos, e pensava que era indispensável ao mundo.

Dava consultas sobre vários assuntos; fazia previsões, realizava sessões de materializações e, aos poucos, começou a exigir presentes, atendendo, apenas, aos que podiam homenageá-la com mimos caros. Aceitava favores, empregos para os familiares e usava a sua capacidade mediúnica como forma de conseguir poder.

Admirava as fotografias conseguidas nas sessões, perdia horas, observando os fenômenos realizados com o

seu auxílio. Ficava muito tempo ouvindo as mensagens que recebia. Adorava a teoria espírita, mas não praticava a caridade exemplificada por Jesus.

Vivia em função da mediunidade, girando em torno de si mesma, contemplando-se encantada.

Julgava-se o centro do Universo.

Não trabalhava, vivia de doações, temporadas passadas nas casas dos seus admiradores.

Não estudava a Doutrina dos Espíritos; ouvia, apenas, o Espírito que próximo a ela se apresentava como seu mentor.

Não lera o que Kardec dissera: - "Um só Espírito pode estar errado, um homem pode se enganar ou ser enganado. O que dá segurança ao Espiritismo é o caráter universal: vários Espíritos, através de vários médiuns, trouxeram as mesmas informações."

Mas os Espíritas foram os grandes incentivadores dos defeitos de Laura. Como no horizonte oracular, eles caíram "de quatro" diante das possibilidades "medianímicas" da moça, como se ela não fosse um simples instrumento, mas a produtora de milagres. Não enxergavam um palmo adiante do nariz e se deixavam conduzir por alguém que enxergava menos.

Assim Laura viveu muitos anos, iludida e iludindo, explorada e explorando.

Quando desencarnou, ficou assustada: não encontrou homenagens, mas viu-se só com sua consciência refletindo sobre a vida inútil que tivera. Chorou muito. Reencontrou, depois, os seus sócios de erros e juntos planejaram uma nova encarnação. Queriam só sofrimento e dor, muita dor. Os amigos espirituais explicaram que ela poderia quitar suas dívidas com

trabalho e amor. Fizeram um novo projeto e reencarnaram para trabalhar numa Casa Espírita prometendo estudar o Espiritismo como fonte de vida, como possibilidade de integração na sociedade, como transformação do egoísta em caridoso. Os pais dos futuros reencarnantes foram devidamente trabalhados para educarem os filhos na compreensão de que a finalidade da existência é o desenvolvimento moral, a dilatação da capacidade de amar; para compreenderem o fato mediúnico como algo natural que acompanha o homem desde suas primeiras expressões no Reino Hominal.

Laura e os amigos estão hoje reencarnados no Brasil, estudando, lutando, amando, aprendendo para compreenderem o Espiritismo como alavanca preciosa que liberta o ser do egoísmo, do barro da Terra. Vencerão? Foram preparados para a vitória; depende deles conseguí-la ou não; isso é livre-arbitrio.

29

A mulher no século 21

A mãe gritava para a filha:

-Saia já daí. Você é mulher. Venha ajudar a lavar a louça.

-Você não pode subir na árvore. Não pode correr na rua.

-Não pode empinar pipa. Não pode...

A menina ficava olhando o irmão muito triste, invejando-o e sonhando em ser homem.

Ainda hoje isso acontece, mas é cada vez mais raro.

Meninas podem e devem brincar com carrinhos, jogar bola, empinar pipas, viver, pensar, agir.

Meninos podem brincar com bonecas, preparar-se para serem pais no futuro; desenvolver a sensibilidade, chorar, serem carinhosos.

Que longo caminho percorremos para concedermos, na maioria das vezes, o respeito à mulher!

Mas acontece um estranho fenômeno: o respeito à inteligência da mulher aumenta, e o desrespeito ao ser humano também. Homens e mulheres são "coisificados", tratados como objetos sem valor, convidados a se transformarem em objetos de consumo, efêmeros, de pouca duração, que só têm validade enquanto são jovens e belos.

A "erotização" das crianças e jovens que requebram numa vulgaridade de dar dó, as músicas tolas que nos convidam a apreciarmos as "poposudas" e a hora de "dar tapa na cara" deixam-nos tristes.

O pior é que os pais, não entendendo a importância de educar, deseducam, estimulando os filhos a cantarem e dançarem de forma ridícula.

Programas horríveis de televisão apresentam crianças vestidas e pintadas como adultos, tentando aparentar uma sensualidade inadequada para a infância que se transforma numa triste caricatura de indivíduos vulgares. Os "heróis" de crianças malpreparadas são grupos semidespidos que, requebrando como se sofressem de algum mal-interno, cantam músicas ridículas. Crianças com bocas e olhos pintados conseguem imitá-los como macaquinhos adestrados; e os pais inconseqüentes babam...

Que tipo de cidadão desejamos que o nosso filho seja? Um indivíduo com "bom molejo" corporal e cabeça vazia, ou um ser que cuida do corpo, que aprecia os esportes, que leva uma vida sadia física e espiritualmente, preparando-se para superar os defeitos da sociedade, onde se expressa, auxiliando-o a crescer?

Conversava, outro dia, com um jovem de quinze anos; o nome é RD; ele mostrava uma maturidade e compreensão da finalidade da existência que não se encontra em muitos senhores de cabelos brancos. Dizia, entre outras palavras lindas:

-Tia, eu não gosto dessa de ficar. Precisa responsabilidade nos relacionamentos. Não é só sexo pelo sexo; é gostoso conversar, conhecer melhor, ficar amigo, respeitar.

Que diferença da conversa de uma senhora com mais de quarenta anos que me dizia:

- Eu sinto tesão por um jovem bonito; a vida é curta, tem mais que aproveitar.

Não agüentei e lembrando a história da galinha e da águia, contada neste livro, num capítulo que tem esse nome, perguntei que dimensão ela preferia: a da águia que voa em direção ao céu azul ou a da galinha que fica ciscando e sujando o bico no barro da terra.

Ela mudou de assunto, perdeu a graça e saiu da sala. Não deu para agüentar.

É uma questão de escolha; mas para escolher é preciso conhecer o melhor, a luz, a alegria de pensar bem.

Cabe aos pais a tarefa belíssima de mostrar a dimensão melhor da terra, o lado luminoso, a coerência, a harmonia interior que se expressa em vitórias nos vários campos de expressão do reencarnante.

Se "iluminarmos" nossos filhos com os recursos apresentados pelo Espiritismo, se enfeitarmos a sua infância com bons exemplos, com amor, com o respeito que eles merecem, auxiliaremos a encontrarem a paz, a alegria e a felicidade.

Depende muito de nós...

30

A história de Márcio

Márcio desencarnou em condições difíceis, após uma vida de erros, confusões e lesões morais provocadas em uma mulher que fizera tudo por ele e fora abandonada grávida.

Márcio ficou triste quando, no mundo espiritual, verificou os erros cometidos.

Não encontrou demônios, nem juizes ou castigo. O problema era o seu pensamento que o impedia de penetrar nos locais de auxílio.

Após anos de sofrimento e fustigação mental, foi recolhido pelos amigos espirituais e convidado a refletir sobre a última encarnação.

Estava sentado em um banco, num hospital, para o refazimento indispensável para uma próxima encarnação.

Mal via a beleza do jardim, o azul do céu, os pássaros. Estava mergulhado nas suas necessidades interiores e ansiava reencarnar para esquecer.

Jovens passavam alegres e o cumprimentavam, mas ele mal respondia. Não conseguia perdoar-se! Como errara! E o pior, abandonara um reencarnante querido em busca do atendimento às emoções dos sentidos.

Foi bem-trabalhado, tratado pelos amigos espirituais para conseguir se “descentralizar”, sair da contemplação de si mesmo e olhar o mundo à sua volta.

Quando estava bem melhor, pediu a reencarnação. Exigiu a Pena de talião; não teve caridade para com os criminosos e julgou-se com severidade.

Desejava voltar como filho da mulher que abandonara, que, reencarnada, expressava-se em grande desequilíbrio. O reencarnante que abandonar antes, agora, seria seu tio; não queria, já o prejudicara outrora e não queria mais dar trabalho. Mas foi convencido a iluminar a sua vida, através da aceitação do amor daquele irmão.

No útero da mãe sentiu a agressão da rejeição e da tentativa do aborto, realizado através de remédios horríveis.

Nasceu antes da hora, arvorezinha frágil arrancada pelas tempestades do pensamento materno em angustiante desequilíbrio. A mãe não sabia quem era o pai. Abandonou-o, logo que saiu da maternidade.

Márcio estava no berço. A avó, cansada das loucuras da filha, não lhe dava confiança, nem amor. Realizava, mecanicamente, as tarefas necessárias à sobrevivência do pequeno ser.

A falta de amor piorava o estado de Márcio. O tio que prometera, durante as horas de sono, auxiliá-lo, havia viajado.

Era uma tarde quente e o bebê recusava a mamadeira, quando a porta da casa humilde se abriu e o tio entra como uma lufada de ar fresco, perguntado por Márcio. Era o ex-filho outrora abandonado. Não havia mágoa naquele grande coração. Ansiava por abraçar o ex-pai. Debruçou sobre o berço e os seus olhos ficaram marejados ao sentir a tristeza de Márcio. Pegou o pequeno bebê e, chorando, emocionado, apertou-o no peito convidando-o à vida e prometendo fazê-lo feliz. No plano

dos desencarnados, olhos perispirituais também derramavam lágrimas de emoção e alegria.

Pela primeira vez na presente encarnação, Márcio sentiu vontade de viver. Sorriu, mamou todo o leite oferecido pelo tio e dormiu tranqüilamente. Foi levado a um tratamento espiritual, para que conseguisse maior equilíbrio físico.

Márcio foi um bebê miúdo e melancólico com vários problemas decorrentes da paralisia cerebral.

O tio era incansável no auxílio a Márcio. Amava-o profundamente, e exigia que todos o respeitassem. Como tinha autoridade moral e econômica sobre o Lar, provocou uma transformação na vida do reencarnante, e a avó passou a tratá-lo com consideração.

Quando Márcio estava com um ano, na festa de aniversário, o tio chegou com uma moça muito simpática e apresentou-a como noiva. A jovem pegou Márcio no colo e pensou comovida como era frágil o menininho; compreendeu que o noivo amado exigiria que ela o tratasse como filho de sua alma. Mais tarde, passou a amá-lo profundamente, quando via a alegria melancólica daquele pequeno que dependia em tudo de todos e não conseguia andar. Abraçava-o, ternamente, e quando seus filhos vieram educou-os para amarem e protegerem Márcio.

O Consolador prometido por Jesus de Nazaré, o Espiritismo, iluminava aquele lar e os corações, e Márcio foi feliz, apesar das suas limitações físicas. Deus, Misericórdia e Amor permitiram que ele, mesmo julgando ser indigno de tal benção, tivesse uma família harmônica. Aprendeu a trabalhar no computador, e ganhava o seu sustento. Estudou, lutou, venceu. A sua desencarnação,

foi a de um espírito completista que deixara, alegoricamente falando, as impurezas da carne.

Permitiu-se reencontrar, amigo. Preparou-se para auxiliar os seus e todos os que precisassem. Seu Lar era o de todos que necessitavam, mas esperava a chegada do tio e da tia que tanto o haviam auxiliado.

Jesus apresentou, com propriedade, a bondade e a misericórdia de Deus, que ampara, sobretudo, os mais doentes, os que mais erram, auxiliando-os a suportarem os próprios erros no momento do despertar das responsabilidades...

31

A história de Cíntia

Cíntia, a que só fazia caridades na rua...

Cíntia escovou os cabelos, colocou um belo conjunto vermelho e saiu apressada.

Trabalhava como voluntária, assistindo deficientes físicos.

Lera livros religiosos e filosóficos, através dos quais descobrira a importância de auxiliar o próximo.

O marido era maravilhoso, economicamente estavam muito bem, e Cíntia se lançara com todas as forças numa vida onde o objetivo maior era ajudar os mais necessitados.

Não parava mais em casa; só ficava, quando estava muito cansada para dormir. Era infatigável na rua.

À noite, estava tão cansada que não falava com ninguém. As crianças nem podiam olhá-la.

A empregada, que estava com Cíntia havia dez anos, não agüentava o seu nervosismo e foi embora.

A casa virou de pernas para o ar.

O marido se queixava que não tinha camisas bem-passadas, nem carinho.

As crianças, órfãs de mãe viva, eram malcriadas.

Mas Cíntia saía todas as manhãs para auxiliar o próximo.

Conseguiu uma empregada razoável, ficou feliz e continuou na sua vida agitada, ajudando os da rua e abandonando a família.

Os três filhos olhavam a mãe abismados. Da porta da rua para fora era maravilhosa.

Dentro das fronteiras do Lar era insuportável.

Não acompanhava as lições dos filhos. Não participava das festinhas de aniversário organizadas na escola. Não conversava com o marido, nem com os filhos. Não tinha tempo, estava fazendo caridade.

O marido pensava:

“O que aconteceu com a jovem meiga e sensível com a qual eu me casei? Onde estaria a moça amável que o acompanhava no café da manhã e o esperava com um sorriso à noite?”

Sumira. Fora substituída por uma mulher apressada, que pensava, apenas, nos pobres da rua, esquecida de que os filhos estavam carentes, necessitavam amor e compreensão.

A sogra adoeceu, e Cíntia não encontrou tempo para visitá-la. Precisava cuidar do Lar dos velhinhos carentes.

Abandonou o marido, queimando de febre, porque era dia de cuidar dos meninos na creche.

Cíntia queria evoluir, precisava ajudar o próximo.

O anjo da guarda de Cíntia orava, para que ela o ouvisse durante as horas de sono. Mas, mesmo durante o sono, Cíntia estava apressada, correndo atrás do seu próximo.

Certo dia, Cíntia ficou muito gripada e precisou ficar na cama. Sonolenta, viu um jovem alto com vestes

brilhantes que se aproximou e começou a conversar. Convidou Cíntia a segui-lo e levou-a ao quarto da filha, que chorava desconsolada, porque não tinha amigas. Cíntia ia responder, revoltada, que a filha era uma fiteira, tinha tudo, mas o olhar do jovem fez com que compreendesse que estava errada.

O seu anjo da guarda levou-a, então, até o quarto do menino de dezesseis anos e ela viu, horrorizada, que ele estava drogado.

Apoiada pelo anjo, entrou no escritório do marido; havia tanta tristeza no rosto querido que ela começou a chorar.

Ouviu os seus pensamentos e teve de concordar que ele estava cheio de razão.

Perguntou ao Espírito no que errara. Tentava, apenas, auxiliar o próximo.

O Espírito explicou, então, que o próximo não era apenas o órfão abandonado, o delinqüente preso, a mãe sem recursos.

Explicou que o próximo mais próximo, aqueles pelos quais nos responsabilizamos, em primeiro lugar, são os parentes, os cônjuges, os filhos. Que Cíntia devia ajudá-los, conversar com eles, com amor dedicado, cuidar da casa, tratar com amor seus auxiliares, ser esposa carinhosa, amável, mãe dedicada, com tempo para o diálogo, atenta para as necessidades dos seus queridos. Seus filhos estavam órfãos de mãe.

Cíntia acordou, chorando, e começou a mudar. Continuou a auxiliar os necessitados, mas só depois de cuidar dos seus queridos.

Não foi mais a boneca fútil de outrora, nem a fanática religiosa em que se transformara. Equilibrou-se; foi mãe e esposa.

E, então, se tornou, verdadeiramente, o anjo da guarda dos necessitados, do próximo menos próximo.

Cíntia entendeu, sobretudo, que tentar evoluir sozinha é vã tentativa do tolo egoísta.

Dependemos uns dos outros e evoluímos como "as aves viajoras de Plotino..."

Bibliografia para aprofundamento

AUTORES DIVERSOS. *O Espiritismo no Terceiro Milênio*. USE.

BOFF, Leonardo. *O Despertar da Águia*.

BOZZANO, Ernesto. *Pensamento e Vontade*. Edicel.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Lake Editora, 1998.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Lake Editora, 1998.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Lake Editora, 1998.

KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Lake Editora, 1998

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Lake Editora, 1998.

LUIZ, André. *Evolução em Dois Mundos*. 18. Editora FEB, 1999.

LUKESCH, Anton. *Mito e Vida dos Índios Caiapós*.

PIRES, Heloísa. *Educação Espírita*. 4. ed. Editora Paidéia, 1994.

PIRES, Heloísa. *Herculano, O Homem no Mundo*. FEESP, 1995.

PIRES, José Herculano. *Concepção Existencial de Deus*. 2. ed. Editora Paidéia, 1992.

PIRES, José Herculano. *O Mistério do Ser Ante a Dor e a Morte*. 3 ed. Editora Paidéia, 1996.

PIRES, José Herculano. *O Ser e a Serenidade*. Nosso Lar Editora.

Biografia

Heloisa Pires

FORMAÇÃO EDUCACIONAL:

Universitária:

Licenciatura em Matemática e Física.

Licenciatura em Pedagogia.

Especializações:

Deficientes físicos e visuais; dificuldades na leitura e escrita; uso de computadores para deficientes físicos.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

Psicopedagoga na Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD).

ATIVIDADE ESPÍRITA:

Tesoureira do Centro Espírita Cairbar Schutel.

Trabalhadora na Assistentência Espiritual do Centro Espírita Cairbar Schutel e Centro Espírita Casa da Caminho, Vila Mariana, São Paulo/SP.

Expositora nos Centros Espíritas Cairbar Schutel, Bezerra de Menezes, Casa do Caminho,

Federação Espírita do Estado de São Paulo, nos vários centros filiados à União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e em diversos Centros Espíritas por todo o Brasil.

Participação em Congressos Nacionais e Internacionais.

OBRAS PUBLICADAS:

Herculano, o Homem no Mundo, Edições FEESP.

Educação Espírita, Editora Paidéia.

Educar para ser feliz, Editora Camille Flammarion.

Articulista em diversos jornais e revistas.

Estamos felizes em saber que, com obras como esta, contribuimos para o esclarecimento de todos quantos tenham a responsabilidade de educar e de bem formar.

Mais do que isso, *Educar para ser feliz* é obra necessária, para o fortalecimento da nossa cultura doutrinária e para nos nortear eficazmente, na educação dos jovens.

Heloisa Pires comenta nesta obra, com aprofundamento espírita, temas relevantes, com abordagens sociológicas que levam a novas e profundas reflexões.



Editora e Distribuidora Camille Flammarion
São Paulo - SP -
Fone: (0xx11) 3361-5789
<http://www.camilleflammarion.com.br>
e-mail: editora@camilleflammarion.com.br